

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO – MEN
ESTÁGIO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II

CLARA TELLES DOS SANTOS
ROZELENA MAY DE FARIAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO MÉDIO

Florianópolis/SC

Junho de 2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO – MEN
ESTÁGIO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA II
PROFESSORA DRA. ISABEL DE O. E SILVA MONGUILHOTT

CLARA TELLES DOS SANTOS
ROZELENA MAY DE FARIAS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO: EXPERIÊNCIAS COM O ENSINO MÉDIO

**Relatório de Estágio de Docência apresentado
ao curso de Letras Língua Portuguesa e
Literatura da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito parcial para obtenção
do título de licenciado em Letras.**

Florianópolis/SC

Junho de 2012

AGRADECIMENTOS

À nossa orientadora Prof^a Isabel Monguilhott, por ter nos guiado durante todo o processo; ao professor George França por nos dar a oportunidade, por dividir conosco sua experiência e por ter nos auxiliado ao longo deste caminho; à turma 2A do Colégio de Aplicação, por ter nos recebido e participado de nossas aulas com entusiasmo; aos alunos do Colégio de Aplicação que participaram do sarau na Semana da Clarice Lispector, por ter tornado esta apresentação possível; à professora Nara Caetano Rodrigues e suas alunas bolsistas por ter nos aberto as portas para atuarmos no projeto PIBIC. Às nossas famílias e aos nossos amigos, pela força, pela torcida e pela espera.

SUMÁRIO

1.	Introdução.....	5
2.	Trabalho de docência.....	6
2.1	O Colégio.....	6
2.1.1	História.....	6
2.1.2	Informações sobre o espaço escolar e o quadro de funcionários.....	7
2.1.3	Projeto Político Pedagógico.....	8
2.1.4	O professor.....	11
2.2	Relatos das aulas.....	11
2.2.1	Estagiária Clara Telles dos Santos.....	12
2.2.2	Estagiária Rozelena May de Farias.....	16
2.3	Relato Crítico das aulas assistidas com respaldo teórico.....	22
2.3.1	Estagiária Clara Telles dos Santos.....	22
2.3.2	Estagiária Rozelena May de Farias.....	25
2.4	Projeto de docência.....	30
2.5	Relatos do exercício de docência.....	46
2.5.1	Estagiária Clara Telles dos Santos.....	46
2.5.2	Estagiária Rozelena May de Farias.....	48
2.6	Comentário sobre a aprendizagem.....	51
2.6.1	Comentário Clara.....	51
2.6.2	Comentário Rozelena.....	51
2.7	Projeto extraclasse.....	53
2.7.1	Estagiária Clara Telles dos Santos.....	53
2.7.2	Estagiária Rozelena May de Farias.....	58
2.7.3	Comentário Projeto Extraclasse Rozelena.....	72
2.7.4	Participação em outras atividades na escola.....	74
3	Ensaio.....	76
3.1	Estagiária Clara Telles dos Santos.....	76
3.2	Estagiária Rozelena May de Farias.....	79
4	Considerações finais.....	85
5	Referências.....	86
6	Anexos.....	88

1. INTRODUÇÃO

A disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II é a última do currículo de Licenciatura no curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina. Depois de já termos feito um estágio no Ensino Fundamental II, agora partimos para o Ensino Médio, como última etapa da nossa formação, e para a tentativa de pôr em prática tudo o que aprendemos ao longo do curso.

O colégio escolhido para a realização do estágio foi o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, do qual uma das finalidades é receber estagiários, o que facilitou o processo de conhecimento do colégio e dos professores. Após um primeiro contato para conhecer o colégio e sua estrutura, começamos a observação das aulas na turma 2A, segundo ano do Ensino Médio. Paralelamente, tivemos conversas com o professor regente George França sobre o planejamento geral dos segundos anos e o planejamento que ele havia feito para aquele ano. A partir dessas experiências nos afastamos das aulas para preparar o projeto de docência e as atividades extraclasse.

O projeto de docência foi planejado para dar sequência ao conteúdo que os alunos já estavam trabalhando, o Romantismo. Para tal, lemos dois livros de um período específico do movimento romântico e fizemos círculos de leitura com os alunos. Cada estagiária ficou responsável por metade das aulas. Os projetos extraclasse foram desenvolvidos independentemente por cada estagiária. Clara trabalhou textos de Clarice Lispector com alunos voluntários para montar um sarau na Semana da Clarice Lispector organizada pelo PET-Letras. Rozelena trabalhou num projeto de iniciação científica, da Professora Nara C. Rodrigues, que atende quatro alunas bolsistas, do primeiro ano do Ensino Médio. Todas essas etapas estão aqui detalhadas ao longo do relatório, juntamente com a nossa avaliação crítica da experiência.

2. TRABALHO DE DOCÊNCIA

2.1 O COLÉGIO

2.1.1 História

O Colégio de Aplicação surgiu para suprir a necessidade de oferecer um campo de estágio de docência para alunos do curso de Didática da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF), sendo fundado em 1961.

No início, foi oferecida apenas a primeira série do ginásio, sendo que as demais séries foram sendo implantadas a cada ano, com uma turma por série. Em 1967 foram oferecidas três primeiras séries do ginásio. Em 1968 duas primeiras séries e duas segundas séries, até que, a partir de 1970, começaram a oferecer duas turmas por série.

A partir daquele ano também, muda o nome de Ginásio de Aplicação para Colégio de Aplicação, passando a oferecer turmas do segundo ciclo do ginásio, enquanto as demais séries foram sendo implantadas, progressivamente, nos anos seguintes. Em 1980 foi acrescentado o Ensino Fundamental, sendo que à época, passaram a oferecer duas turmas para cada série inicial, uma para cada turno. Em 1992, o Colégio passa a oferecer três turmas de 25 alunos cada, para cada série.

No início, o colégio atendia filhos de professores e servidores técnicos administrativos da Universidade. Entretanto, a partir de 1992 o colégio passa a atender à comunidade em geral, oferecendo ingresso aos alunos através de sorteio.

Atualmente o Colégio de Aplicação está vinculado ao Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, seguindo sua política educacional que visa oferecer inserção nas áreas de pesquisa, ensino e extensão.

2.1.2 Registro das informações sobre o espaço escolar e quadro de funcionários¹

O Colégio de Aplicação está localizado dentro do *campus* principal da Universidade Federal de Santa Catarina, em prédio próprio que conta com vinte e três salas de aula. Ao todo o colégio tem trinta e oito turmas distribuídas em quinze turmas do 1º ao 5º anos, doze do 6º ao 9º anos e onze do 1º ao 3º anos do Ensino Médio, atendendo cerca de novecentos e cinquenta alunos. O Colégio também conta com laboratórios para as diversas disciplinas como Física, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Línguas Estrangeiras, sala de dança, de teatro, de música, etc. Também possui uma biblioteca que está subordinada à Biblioteca Central da UFSC, refeitório para merenda escolar, auditório grande e dois mini auditórios, brinquedoteca, sala de informática, salas de professores para cada disciplina, sala de convivência dos professores e servidores, sala de reuniões, amplo pátio, quadras esportivas, etc. Possui também salas para atender aos diversos projetos que o Colégio oferece aos alunos, como o Projeto Córdoba que, através de um acordo de cooperação firmado com a Escuela Manuel Belgran da Universidad Nacional de Cordoba, Argentina, promove todos os anos intercâmbio entre os alunos do Colégio de Aplicação e os alunos daquela instituição, nas modalidades de intercâmbio de estudos de dois meses, ou de oficinas de uma a duas semanas.

O Colégio também tem um projeto de educação inclusiva, seguindo o que determina a Constituição Brasileira e as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB Lei nº 9394/96, oferecendo profissionais preparados para acompanhar e atender às diversas necessidades dos alunos especiais, bem como adequação do espaço físico para melhor atender alunos com limitações físicas.

O quadro de funcionários do Colégio² conta com vinte e cinco técnicos administrativos e cerca de cem servidores docentes, divididos em: vinte e dois de Educação Geral, oito de Artes, dez de Educação Física, seis de Biologia e Ciências, sete de Matemática, dois de Química, três de Física, seis de Geografia, seis de História, dois de Sociologia, dois de Filosofia, dois de Alemão, um de Francês, quatro de Inglês, dois

¹ O Registro com as informações detalhadas, como a distribuição de todos os espaços por blocos e também por toda a área do Colégio, encontra-se em anexo junto ao PPP.

² De acordo com quadro apresentado no site do Colégio de Aplicação.

de Espanhol, oito de Língua Portuguesa, um Supervisor Educacional e seis Orientadores Educacionais.

O perfil socioeconômico dos alunos do Colégio de Aplicação é bastante heterogêneo, uma vez que o processo de ingresso se dá por meio de sorteio aberto à comunidade em geral, conforme mencionado anteriormente. Desta forma, todas as turmas acabam apresentando o mesmo perfil de alunos provenientes de diversas camadas sociais. O que podemos perceber, conversando com os alunos e professores, e durante contatos anteriores que tivemos com o colégio, é que a grande maioria dos alunos mora em áreas mais próximas ao Colégio.

2.1.3 Projeto Político Pedagógico

O Projeto Político Pedagógico (ANEXO C), doravante PPP, tem por princípio nortear a organização escolar tanto no âmbito geral, quanto nas ações do professor em sala de aula. É um instrumento construído democraticamente com a participação da comunidade escolar.

O sucesso da instituição escolar no alcance de suas finalidades está intimamente relacionado aos princípios que fundamentam a organização do seu trabalho pedagógico, ou seja, a escola que estabelece e persegue suas finalidades norteadas pelos princípios de gestão democrática e autonomia estará mais próxima de propiciar uma formação coerente com suas finalidades. (PPP, 2012, p. 6)

O PPP do Colégio de Aplicação segue quatro princípios que norteiam a sua organização, a partir dos quais se articulam as áreas administrativa e pedagógica. São eles:

1. Natureza: servir como “escola experimental mantida pela Universidade, integrada ao Sistema Federal de Ensino, objetivando o desenvolvimento de experiências pedagógicas e estágios supervisionados para os cursos de Licenciatura e Educação” (PPP, p. 7).
2. Finalidade:

- a) Servir de campo de observação, pesquisa, experimentação, demonstração e aplicação de métodos e técnicas de ensino, de acordo com a legislação vigente;
- b) Proporcionar a prática de ensino aos acadêmicos dos cursos de Licenciatura e Educação e os estágios supervisionados do Centro de Ciências da Educação, de acordo com a Resolução n° 061/CEPE/96, podendo ainda atender solicitações pertinentes ao ensino Fundamental e Médio dos demais centros da Universidade Federal de Santa Catarina;
- c) Desenvolver práticas e produzir conhecimentos em função de uma melhor qualidade de ensino, estendendo-os à comunidade;
- d) Formar cidadãos livres, conscientes e responsáveis;
- e) Instrumentalizar o educando para uma atuação crítica e produtiva no processo de transformação e construção consciente de uma sociedade justa, humanitária e igualitária. (p. 7).

3. Filosofia:

O Colégio de Aplicação, inserido que está na Universidade, se propõe a ser um Colégio Experimental onde se desenvolvem práticas e se produzem conhecimentos em função de uma melhor qualidade de ensino. O Colégio de Aplicação exerce também a função de campo de estágio supervisionado para acadêmicos dos cursos de Licenciatura e Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Mas, acima de tudo, o Colégio de Aplicação é uma Escola que se propõe à produção, transmissão e apropriação crítica do conhecimento com o fim de instrumentalizar a responsabilidade social e a afirmação histórica dos educandos, contribuindo também para a expansão de sua personalidade.

A filosofia norteadora da ação pedagógica do Colégio de Aplicação tem sua origem e seu fim na prática social concreta. O contexto histórico-social no qual vivem docentes e educandos constitui o fundamento do trabalho do Colégio de Aplicação. (p.7).

4. Objetivos Gerais e Específicos:

O Colégio de Aplicação tem como objetivo geral proporcionar a transmissão, produção e apropriação crítica do conhecimento com o fim de instrumentalizar a responsabilidade social e a afirmação histórica dos educandos.

Os objetivos específicos visam:

- a) Propiciar os conhecimentos necessários para instrumentalizar o educando na sua atuação, tornando-o crítico e produtivo no processo de transformação no mundo e na conseqüente construção de uma sociedade justa, humanitária e igualitária;
- b) Possibilitar ao educando a vivência de práticas democráticas concretas para que este possa desenvolver-se como sujeito livre,

consciente e responsável na construção coletiva de sua realidade histórica.

c) Proporcionar e desenvolver atividades de pesquisa e extensão que contribuam para a melhoria do ensino, como para formação continuada dos docentes. (p. 7).

O PPP do Colégio de Aplicação tem como base para os fundamentos metodológicos a concepção de educação, a concepção de currículo, a concepção de criança, infância e juventude; e os pilares do currículo, que são:

- a) alfabetização e letramento;
- b) interdisciplinaridade;
- c) iniciação científica;
- d) formação de leitores.

O documento também traz informações sobre práticas pedagógicas institucionalizadas, uma vez que, enquanto escola experimental, o Colégio procura aplicar práticas pedagógicas variadas, subdividindo as turmas em A, B e C³. Nas turmas “A” é adotada proposta pedagógica fundada no construtivismo. Nas turmas “B”, aplicam-se perspectivas teóricas variadas, já nas turmas “C” opta-se pela prática fundada na Teoria dos Projetos.

O PPP discorre também sobre informações acerca da Educação Inclusiva, dos níveis e modalidades de ensino, da composição curricular (Ensino Fundamental e Ensino Médio), do sistema de avaliação, recuperação, conselho de classe, da frequência, aprovação e reprovação.

Por último, o documento traz um levantamento da estrutura organizacional da escola, descrevendo a estrutura física, localização, funcionamento, constituição da equipe administrativa e da estrutura curricular.

2.1.4 O professor de Língua Portuguesa

O professor George Luiz França leciona Língua Portuguesa no Colégio de Aplicação desde fevereiro de 2011, quando ingressou na instituição através de concurso.

³ Importante ressaltar que apesar desta informação ter sido retirada do PPP, durante o período observação e em visita à escola para conhecimento do espaço escolar notamos que algumas séries estão subdivididas em quatro turmas (A, B, C e D).

Antes de prestar o concurso para o Colégio de Aplicação, ele havia lecionado por apenas três meses no Programa de Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis. Ele é licenciado e bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela UFSC, possui mestrado em Literatura, na área de Teoria Literária, também pela UFSC e atualmente está redigindo sua tese de doutorado, também em Teoria da Literatura, na mesma Universidade.

No Colégio de Aplicação ele trabalha em regime de quarenta horas, sendo três turmas de segundo ano do Ensino Médio, totalizando doze horas, mais duas horas de recuperação de estudos, dez horas para coordenação do Laboratório de Linguagens, participação no Grupo de Estudos de Linguagem do Colégio de Aplicação (GELCA), coordenado pela professora Fernanda Muller, além de atender três orientandos de Iniciação Científica. O professor também participa da diretoria da Associação de Pais e Professores, ocupando a função de Diretor Sociocultural.

2.2 RELATO DAS AULAS ASSISTIDAS

A turma escolhida para o estágio de observação foi a turma 2A - segundo ano do Ensino Médio, no período matutino. A carga horária da turma é de quatro aulas semanais, distribuídas em duas aulas faixas de quarenta minutos cada às quintas feiras, das 8:50 às 10:10, e duas aulas faixa de quarenta e cinco minutos cada nas sextas feiras, das 9:00 às 9:45 e das 10:05 às 10:50, isso porque nas sextas feiras o intervalo é entre as duas aulas. O grupo é formado por 23 alunos, sendo 14 meninas e 9 meninos, todos na faixa etária entre quinze a dezessete anos. Na lista de chamada há ainda o nome de dois alunos faltantes. O professor explicou que são alunos que ainda estão definindo transferência e/ou permanência no colégio, por isso, ainda estão no prazo legal para não perder a vaga. Nas cinco aulas observadas todos os outros alunos estavam presentes.

2.2.1 Relatos estagiária Clara

09/03 09h00

Apresentação das estagiárias. Professor cobra tarefa que deveria ser entregue na data, e uma aluna passa recolhendo os trabalhos, outros levantam para falar com o professor, que acaba por pedir que todos sentem. Segue a entrega da primeira versão da carta ao Werther corrigida e o professor elogia alguns trabalhos. Alunos conversam agitados e outros pedem silêncio. Alunos levantam novamente para falar com o professor sobre o trabalho, uma aluna pergunta se não tem nota. Professor comenta que muitos alunos esqueceram-se de pôr data nas cartas e utilizar o vocativo. Pede-se que todos os alunos sentem. Debate-se a questão de onde colocar a data. Tarefa deve ser refeita para quinta-feira (15/03). O professor alerta para o fato de que a expressão “venho por meio desta” é desnecessária e redundante. Tiradas todas as dúvidas, passa-se ao tema da aula: a polêmica em torno do dicionário Houaiss. Nenhum aluno acompanhou o ocorrido. Professor alerta os alunos para leitura de jornais, e recomenda “curtir” alguns sites de notícia no *facebook*. A aula segue com uma breve explicação sobre a polêmica gerada pelo verbete *cigano*. Professor mostra o dicionário aos alunos,

explica que Houaiss foi um lexicógrafo. Aluno pergunta como se faz um dicionário, e o professor explica, principalmente sobre pesquisa e criação de novas palavras, dando como exemplo *twittar*. Aluno diz que essa palavra nunca vai para o dicionário, ao que o professor o faz pensar porque não e discorre sobre como as palavras novas entram na língua. Quando todas as dúvidas são respondidas, prossegue-se à distribuição do texto *Senhor Procurador, Leia o Verbetes "Dicionário"* (ANEXO G) de Eliane Brum. O professor explica que o texto começa com uma referência a um filme, do qual faz uma breve sinopse e segue por comentar casos relacionados ao filme, ou seja, sobre queima de livros. Após essa introdução os alunos se revezam na leitura do texto, nunca faltando voluntários. O professor vai fazendo comentários e perguntas ao longo da leitura, ajudando os alunos a ter uma melhor compreensão do texto.

INTERVALO

10h05

Inspetor pede licença para entregar as novas agendas. O professor retoma a aula lendo no Houaiss o verbete *cigano*, que estava omitido do texto entregue aos alunos. Os alunos acham a definição um pouco ofensiva e o professor chama atenção de que o sentido está marcado como pejorativo. Alguém sugere ver a definição de *judeu* no dicionário. Retoma-se a leitura do texto. Os alunos constantemente precisam da ajuda do professor para compreender o texto. Bate o sinal e o texto não é concluído.

13/03 07h30 2 aulas

O professor inicia a aula fazendo a chamada. Um dos alunos dorme. Professor relembra a entrega da segunda versão da carta para quinta-feira e prossegue perguntando o que tinha sido dado na última aula. Eles lembram das estagiárias, só. Professor recupera o texto e a leitura continua, com intervenções oportunas do professor, explicando, por exemplo, como a história se repete apagando os ciganos e também o sentido de palavras como *imiscuindo*. O barulho devido à obra na escola prejudica bastante a aula e dispersa a atenção dos alunos. Após a conclusão da leitura há uma discussão sobre o tema na qual vários alunos dão suas opiniões. Durante a discussão aparece a frase "é para o nosso bem", a qual o professor aproveita para questionar o que é esse bem, e no final puxa a questão dos nomes (substantivos) que havia mencionado em outra aula. Conta uma piada em que o nome do cachorro era Senhor. Mostra como substantivos nomeiam coisas e ideias abstratas. Menciona o caso

da propaganda do azeite *Gallo*, “o nosso azeite é rico, o vidro escuro é o segurança” (ANEXO H). Vários alunos dão opiniões a respeito de a propaganda ser ou não uma forma de racismo. Professor explica como a palavra segurança ali é um substantivo e a mudança de sentido que o artigo traz. Projeta-se a propaganda no *data show*. Depois, passa-se o vídeo da propaganda da União Europeia, que foi acusada de xenofobia. Discussão com os alunos, todos falam ao mesmo tempo. Volta-se ao tema dos substantivos, professor escreve duas frases com a mesma palavra, em uma é substantivo e em outra, adjetivo, perguntando a diferença para os alunos e apontando para a função de cada palavra. Fala-se também sobre a substantivação usando o artigo, seguindo uma explicação sobre a divisão dos nomes em concretos e abstratos. Professor pergunta como os alunos classificariam nomes como fada e deus. A turma se divide na resposta.

15/03 08h50 2 aulas

Professor entra na sala e alguns alunos levantam para falar com ele, os outros conversam entre si. Professor pede para todos sentarem, faz a chamada e entrega a segunda versão da carta ao Werther. Relembra a aula passada, sobre as propagandas do azeite Gallo e da União Europeia, e os substantivos. “Como seria o mundo se não pudessemos nomear as coisas?”. Na primeira aula do ano o professor falou sobre os níveis de análise linguística, então pela semântica (sentido) os nomes se dividem em concreto e abstrato. Volta à questão da última aula sobre os seres imaginários. No quadro: Concreto = seres x Abstrato = sentimentos/ideias. Outra divisão possível em relação ao sentido: Comum e Próprio. Todos se lembram dessa divisão? Não requer explicação. Outra classificação possível é a dos Coletivos. A turma toda fica gritando exemplos. Substantivo Primitivo x Derivado, Simples x Composto, dúvidas em relação ao plural de Compostos, polêmica em relação a *ares-condicionados*, porque a professora do ano anterior disse que estaria errado. Professor consulta o dicionário para ter certeza, e explica que todo mundo pode se enganar. Um aluno pergunta se o hífen não morreu, professor explica que só mudaram as regras, mostra o exemplo de *dia a dia* x *dia-a-dia*. Uma aluna tira uma gramática de bolso da mochila, professor diz que é um bom material de consulta e que ninguém precisa decorar todas as regras. Aluno pergunta se existe composto com quatro palavras. Professor procura e acha *pau-para-toda-obra*. Aluna recita todas as palavras com *pau* do dicionário. Distinção entre gênero e sexo, alguém sabe a diferença? Aluno responde que gênero é masculino e feminino, e sexo é

macho e fêmea. Professor explica que sexo é uma categoria biológica, que só os seres possuem, e que gênero pode ser uma categoria gramatical, e todos os substantivos têm. Em alemão existe o gênero neutro. Gênero não é só gramatical, é idiossincrático, ou seja coisas que me identificam no mundo, em relação à sexualidade. Possibilidades de combinação entre sexo e gênero de uma pessoa. Um aluno começa a explicar detalhadamente sobre cirurgia de mudança de sexo. Muita discussão, questão de em que banheiro ir.

22/03 08h50 2 aulas

Professor entra e faz chamada enquanto os alunos conversam. Alunos reclamam que estão com dificuldade de conseguir os livros que o professor pediu, reclamam do estado dos livros da biblioteca, professor sugere procurar em sebos e explica sobre domínio público. Os alunos deveriam fazer um blog, cada grupo sobre seu livro, alguns já mandaram o endereço para o professor, ao longo da leitura do livro os alunos devem postar curiosidades, imagens, palavras complicadas, narrar de outro ponto de vista, etc, até o dia 25 de abril. Volta-se à discussão sobre nomes, gênero e preconceito. O que é preconceito de gênero? Ninguém lembra muita coisa da aula passada, retoma-se toda a discussão, alguém pergunta sobre o feminino da palavra *presidente*, professor explica que pode se usar *a presidente* ou *a presidenta*, na argentina há um decreto para que use a forma *La presidenta*. Nesse momento começa a se ouvir berros pela escola, dizem que deve ser o aluno autista que têm ataques de vez em quando, todos começam a falar sobre autismo e professor faz um discurso sobre a política de inclusão da escola. Depois de algum tempo, volta-se para discussão sobre gênero. Desde 1990 a OMS entende que comportamentos homossexuais não são patológicos e desde 1999 o conselho de psicologia brasileiro impede a cura desses comportamentos. Aluno puxa uma discussão sobre se o homossexual nasce assim ou vira depois que cresce, um aluno diz que é nojento. Todos discutem e é impossível entender alguma coisa. Professor defende direito de *N* possibilidades, e explica que existem coisas que nos irritam, mas que temos que respeitar. Professor explica a polêmica da psicóloga que curava homossexuais, e era apoiada por evangélicos. Professor distribui texto *Não cabe cura para quem não está doente* (ANEXO I), escrito pela presidente do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo e pelo presidente do Conselho Federal de Psicologia, e mostra como esse texto está estruturado para fundamentar a opinião de profissionais, chama atenção para as

fontes, onde o texto foi publicado. O professor também mostra a necessidade de calcar suas ideias citando fontes mais conhecidas para dar força e fundamentação, “não sou um cara sozinho falando o que eu penso do mundo”. Necessidade de citações em um texto argumentativo. Inicia-se a leitura do texto, fazendo pausas para discussões e procurar algumas palavras difíceis, discutem-se conceitos como: *estado laico* e *autarquia*. Bate o sinal, professor passa questões para casa no quadro: Como as palavras, os nomes, as qualificações, as entonações marcam e perpetuam preconceitos? De que você não gostaria de ser chamado? Semana que vem iremos tratar das olimpíadas de português, para isso tragam algo sobre *o lugar onde eu vivo*.

29/03 08h50 2 aulas

Professor entra, faz chamada e pede silêncio. Alguns alunos estão com notebook porque o professor havia pedido no *facebook* para trazer o livro ou o notebook. Como o material das olimpíadas de português ainda não chegou, essa aula será usada para adiantar a leitura ou começar o *blog*. Alunos estão dispersos fazendo alguma outra coisa nos computadores. Professor pede atividade da aula passada que era pra entregar, a maioria não fez, não viu no quadro, foi apagado durante o recreio. A maioria dos alunos trouxe o livro que deveria ler, o professor tem mais alguns. Separam-se nos grupos para a atividade. Professor escreve no quadro algumas orientações para o *blog*:

Observar: quem narra o romance x quem vai narrar o *blog*; quem são os personagens; em que ambiente (espaço/tempo) vivem; a partir dessas questões, que imagens podem ilustrar esse contexto (podem ser pesquisadas ou produzidas pelo grupo); como o narrador se descreveria (sobre mim do *blog*).

Segundo ele, não é necessário seguir essas orientações ao pé da letra, é só uma ajuda para estruturar o blog, podem trazer vídeos também. Podem pesquisar, por exemplo, como era um baile na época, que aparece em alguns dos livros, como as mulheres se vestiam, etc. Alguns alunos leem, outros fazem o blog e outros conversam. Professor passa em todos os grupos ajudando, dando ideias, e incentivando quando não estão fazendo nada.

2.2.2 Relatos estagiária Rozelena May de Farias

1ª aula – 09.03.12

A aula começa às 9:00h. O professor nos⁴ apresenta aos alunos. Uma aluna passa um aviso de datas no quadro, enquanto o professor dá alguns recados sobre as aulas. Neste meio tempo, alguns alunos passam pelas carteiras recolhendo a produção textual que havia sido solicitada como tarefa.

O professor entrega e dá *feedback* sobre a reescritura de uma produção textual (uma carta) que havia sido feita em pares sorteados. Faz alguns elogios a alguns pares. Dá um tempo para os alunos olharem os trabalhos e tirarem suas dúvidas, que na maioria dos casos, são sobre as notas. Alguns alunos vão até a mesa do professor conversar sobre o trabalho, enquanto outros comparam entre si.

O professor chama a atenção dos alunos sobre a falta de datação nas cartas que eles haviam produzido e pede para refazerem para a próxima aula. Discute elementos de formalidade e informalidade dependendo da necessidade. Exemplifica com o uso da expressão “venho por meio desta”, mostrando que esse uso é dispensável, primeiro porque é uma carta informal e segundo porque a própria expressão é redundante.

Após a discussão sobre os trabalhos o professor levanta a discussão sobre a polêmica do caso do Dicionário Houaiss, que havia descumprido uma orientação do Ministério Público Federal de Minas Gerais para que retirassem a definição do verbete “cigano”⁵ como trapaceiro, velhaco, por considerarem preconceituosa. Ele pede a uma aluna para ir buscar o dicionário, fala quem foram Aurélio Buarque de Hollanda e Antônio Houaiss, explica o que faz um lexicógrafo, como é sua pesquisa e como se faz o levantamento de léxicos e significados. Discutem usos que podem ser ofensivos

⁴ Eu e minha colega de estágio Clara Telles dos Santos.

⁵ Definição do verbete CIGANO, segundo o dicionário Houaiss: “Cigano adj 1 Relativo ao ou próprio do povo cigano; zíngaro Adj. s.m. 2 relativo a ou indivíduo dos ciganos, povo itinerante que emigrou do Norte da Índia para o oeste (antiga Pérsia, Egito), de onde se espalhou pelos países do Ocidente; calom, zíngaro 3 p.ext. que ou aquele que tem vida incerta e errante; boêmio 4 p.ana. vendedor ambulante de quinquilharias; mascate 5 (1899) pej. que ou aquele que trapaceia; velhaco, burlador 6 pej. que ou aquele que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota, sovina 7 que ou o que serve de guia ao rebanho (diz-se de carneiro) 8 LING m.q. ROMANI ETIM fr. cigain (sXV, atual tsigane ou tzigane, estas por infl. Do al. Zigeuner), do gr. biz. athígganos ‘intocável’, nome dado a certo grupo de heréticos da Ásia Menor, que evitava o contato com estranhos, a que os ciganos foram comparados quando de sua irrupção na Europa central; c.p. tur. cigian, romn, zigan, húng.cigány, it, zingano (a1470, atual zíngaro); f.hist. 1521 cigano, 1540 cigano, 1708 sigano COL bando, cabilda, ciganada, ciganagem, ciganaria, gitanaria, maloca, pandilha HOM cigano(fl.ciganar)”

dependendo do local, quando uma aluna diz “como se proibir no dicionário fosse impedir que as pessoas falassem”.

O professor entrega um texto adaptado do artigo de Eliana Brun da revista *Época*, que critica a proibição (ANEXO G). Aproveita para discutir sobre outros episódios em que o governo reprime o povo, ao proibir livros, citando como exemplos os casos dos alemães em Santa Catarina na época de Getúlio Vargas, e o ataque à livraria de Salim Miguel, em Florianópolis, durante a ditadura militar. A leitura do texto é iniciada com uma aluna lendo para o grupo. Intervalo.

Na volta do intervalo, o professor lê a definição do verbete, que foi suprimida da versão online do dicionário, segundo o artigo de Eliana Brun. Pede para os alunos prosseguirem a leitura dos próximos dois parágrafos, quando o professor para a leitura e passa a discutir o assunto. Os alunos se posicionam contra a proibição.

2ª aula – 13.03.12

Esta aula aconteceu numa terça feira a pedido do professor de história que precisava viajar nesta data.

Continuação da leitura do texto sobre o Dicionário Houaiss. No início, os alunos disseram que não se lembravam do que havia sido feito na aula anterior, alguns brincaram dizendo que só se lembravam da presença das estagiárias.

A princípio os alunos estavam muito agitados, falando muito sobre a prova de matemática que teriam naquele dia. O professor precisou ameaçar de tirar a folha de revisão de matemática de dois alunos para que a turma focasse na aula de português. Somente desta maneira conseguiram dar prosseguimento à leitura do texto.

Continuam discutindo sentidos de algumas palavras do texto, como: autocensura, insidioso, imiscuir, etc.; além de debater sobre cada parte do texto. O professor reflete sobre o final do texto “é para o nosso bem”, refletindo com os alunos sobre o que é e quem determina “o bem”. Em seguida, passa a uma discussão sobre nomear as coisas, alegando que uma coisa é dar nomes a coisas concretas, outra é dar nomes no campo da abstração, como: moral, bem, etc.

Discute sobre situações preconceituosas, dando como exemplo a propaganda do Azeite Gallo, que diz: “O nosso azeite é rico. O vidro escuro é ‘o’ segurança” (ANEXO H). Os alunos tentam entender os sentidos do enunciado. Uma aluna sugere que “rico” pode se referir à cor de ouro do azeite. Os alunos discordam, porque para eles, o

problema está em “o segurança”, que sugere uma pessoa negra trabalhando nesta função. Outra aluna sugere que a cor clara do azeite pode dar ideia de “rico louro” e “segurança negro/pobre”.

O professor exhibe a imagem no *Datashow* e parte para a análise do artigo definido “o” em contraponto com “a segurança”. Lê uma nota sobre a posição do CONAR – Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária e da empresa produtora do Azeite Gallo. Em seguida, exhibe um vídeo com a propaganda da União Europeia⁶ (sugerida anteriormente pela estagiária Clara), chamando atenção para a frase final que usa a palavra *stronger* (mais forte), que vem da palavra *Strong* (forte), mostrando que é mais um exemplo de substantivo abstrato.

O professor e os alunos fazem uma série de associações possíveis com as diversas passagens do vídeo, como por exemplo: o círculo fechado das estrelas dá a ideia de cerca; a imagem da personagem de “Kill Bill” se refere à matança. Uma aluna comenta que os representantes dos BRICS somem quando o círculo da União Europeia se fecha.

Voltam a discutir os sentidos de palavras que podem assumir diversas funções e interpretações. Coloca no quadro a função de substantivo: nomear; e de adjetivo: qualificar. Explica que os substantivos se dividem em abstratos e concretos. Chama atenção para a importância do artigo – que tem a função de determinar – que pode transformar outras classes em substantivo, exemplo: o cantar, o porém, etc.

3ª aula – 15.03.12

Começa a aula recolhendo cartas que o professor havia pedido para reescreverem.

O professor retoma a discussão sobre os substantivos (concretos e abstratos). Fala sobre a origem da necessidade de se nomear as coisas. E, na medida em que vai explicando os tipos de substantivos vai montando o seguinte esquema no quadro:

⁶ Na referida propaganda, que também causou polêmica, os jovens europeus são chamados a se unirem e fortalecerem para vencer os representantes dos BRICS – a união das potências emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. O vídeo mostra uma mulher branca (o europeu) como a personagem do filme *Kill Bill*, que se multiplica (a união que fortalece) para vencer/intimidar o inimigo (representado no vídeo por um indiano, um chinês e um brasileiro) e que termina com o *slogan* “The more we are, the stronger we are” (em livre tradução: quanto mais numerosos formos, mais fortes seremos). Tal campanha foi retirada do ar após acusações de racismo e xenofobia.

SUBSTANTIVO	- nomear as coisas
-SENTIDO (semântico)	- concreto (seres reais, visíveis, imaginários) - abstrato (sentimentos, ideais, noções) - comuns - próprios - coletivo (palavra singular com sentido plural)
- FORMA	- primitivo - derivado - simples - composto

Discute com os alunos o fato de seres imaginários, apesar de não existirem, não poderem ser tocados, serem considerados substantivos concretos. À medida que vai montando o esquema no quadro, o professor vai pedindo exemplos aos alunos para cada categoria. A turma fica bastante alterada nos exemplos de coletivos, tentando desviar o foco e perguntando sobre vários coletivos, como se estivessem testando o professor. O professor retoma a discussão sobre o substantivo composto, explicando que quando as duas palavras são variáveis, ambas vão para o plural, exemplo: “trilha sonora” fica “trilhas sonoras”. Um aluno pergunta sobre “ar condicionado” e o professor diz que as duas palavras pluralizam. O aluno comenta que no ano anterior a professora o havia corrigido, dizendo que o correto era “ar condicionados”. O professor então confere no dicionário, que aponta a flexão nas duas palavras. O professor também aponta exemplos de compostos que sofreram alteração com o novo acordo ortográfico, como: antissocial, corresponsável, micro-ondas, etc. Alguém pergunta se há compostos com mais de três palavras. O professor encontra no dicionário a expressão “pau para toda obra”. Em seguida, passa no quadro algumas regras de plural dos substantivos compostos.

Na última parte da aula, o professor começa a falar sobre sexo e gênero, discutindo com os alunos o que é um e outro. Explica que sexo é biológico e gênero é gramatical. Explica o quer dizer “idiossincrático”: coisas que me definem como eu no mundo (identifico – IDIO /ID = eu).

A turma estava bastante agitada e dispersa neste dia e no momento em que alguns alunos começaram a desviar o foco com piadinhas sobre substantivos coletivos,

outros estavam conversando entre si, jogando bolinhas de papel, brincando com perfume. Uma aluna, inclusive, me chamou e perguntou baixinho se eu acreditava em Deus, perguntei por que, e ela disse que era apenas curiosidade, preferi não responder e só sugeri que ela prestasse atenção na aula.

4ª aula – 22.03.12

Professor começa a aula dando orientações sobre como encontrar os livros que ele havia sugerido num momento anterior à nossa inserção na observação. Estas obras fazem parte da leitura sobre o Romantismo, e sobre as quais os alunos, organizados em grupos, teriam que preparar um blog para apresentar numa aula antes da nossa docência.

Retoma a questão do gênero da aula anterior. Fala que o uso dos artigos masculino e feminino para seres inanimados é aleatório, ou seja, dizemos “a árvore” e não “o árvore”. Fala também que existem as palavras comuns de dois gêneros, exemplo: “o dentista” e “a dentista”; porém aponta que há aquelas que não variam nunca, como: “a testemunha”, “a vítima”, etc. Entram na discussão sobre a ocorrência “presidenta”, entretanto, a discussão para, quando um aluno do terceiro ano começa a gritar no pátio. Os alunos da sala ficam consternados, porque é um aluno autista que tem essas reações quando tem prova. Surge uma discussão sobre o autismo e o professor fala sobre a importância em se prestar atenção nessas “tais diferenças”, porque elas ajudam a compreender melhor que “existem casos e casos” e que não podemos continuar rotulando.

Retoma a aula e começa a falar sobre o preconceito e introduz o tema homofobia. Entrega dois textos (ANEXO I), um sobre a bancada evangélica que quer anular a resolução do Conselho Federal de Psicologia que proíbe uma psicóloga evangélica do Paraná de praticar o tratamento de cura para o homossexual; e outro com uma entrevista com a psicóloga.

Os alunos fazem a leitura dos textos e debatem sobre o assunto. Num determinado momento o professor chama a atenção para o uso indevido da crase no quarto parágrafo. Terminam a leitura. O professor pergunta o significado de laicidade e discutem o que é “Estado laico”.

Neste dia, como deveres, o professor passa no quadro as seguintes perguntas: 1) Como as palavras, os nomes, as qualificações e as entonações marcam e perpetuam preconceitos? 2) De que você não gostaria de ser chamado? Também pediu, como

preparação para as Olimpíadas da Língua Portuguesa, para discorrer sobre “o lugar onde eu vivo”.

5ª aula – 29.03.12

Neste dia os alunos estavam com seus laptops a pedido do professor, para que finalizassem o trabalho do blog que, segundo o professor, estava completamente parado para algumas equipes. A atividade consistia na leitura de alguns títulos sugeridos pelo professor, por grupos de três ou quatro alunos. Cada grupo teria que ler um dos títulos, previamente sorteados, criar um blog, passar o endereço para o professor e, à medida que iam lendo, postar no blog comentários sobre a obra. Entretanto, como o professor verificou que alguns grupos não haviam criado o blog ainda, tampouco tinham iniciado a leitura das obras, ele resolveu trazer exemplares para a sala e aproveitar aquela aula para iniciar a leitura e o blog. Isso porque ele queria garantir o fechamento do estudo sobre o Romantismo, antes que eu e minha colega iniciássemos nossa docência, que seria sobre a segunda fase do Romantismo.

O professor pediu que os grupos se reunissem. No início a turma estava bastante barulhenta, porém, após os grupos se organizarem, os alunos passaram a trabalhar na atividade com bastante envolvimento.

O professor passou as seguintes orientações para o blog:

→ Observar:

- quem narra o romance e quem vai narrar o blog;
- quem são os personagens;
- ambiente (espaço e tempo em que vivem);
- a partir destas questões, que imagens podem ilustrar este contexto (podem ser pesquisadas ou ilustradas pelo grupo);
- como o narrador se descreveria (sobre mim).

2.3. RELATO CRÍTICO DAS AULAS ASSISTIDAS COM RESPALDO TEÓRICO

2.3.1 Relato crítico estagiária Clara Telles dos Santos

O planejamento para o segundo ano do Ensino Médio feito pelo professor da turma (ANEXO K), e baseado no programa da escola para tal série (ANEXO J), prevê para o primeiro trimestre, período em qual o estágio foi realizado, o estudo do Romantismo, propondo leitura de dois livros por aluno, com algumas produções textuais baseadas nas leituras. O trabalho de análise linguística se daria através dessas produções e também abordaria como conteúdo as classes de palavras, mais especificamente *substantivo, adjetivo, artigo, interjeição e numerais*.

Quando o estágio de observação teve início, a primeira leitura já havia sido orientada, cada grupo deveria ler um livro indicado, todos dentro do Romantismo, e fazer um *blog* em que fosse escrevendo sobre a leitura, colocasse imagens, curiosidades, passagens interessantes, etc. Deste trabalho só foi observada efetivamente uma aula, reservada para leitura e início do *blog*, e algumas orientações dadas em outras aulas. Os alunos teriam aproximadamente um mês e meio para ler o livro e fazer a atividade, a qual tem data posterior a este texto. O segundo livro ficaria ao encargo das estagiárias.

Uma das grandes diferenças do Ensino Médio em relação ao Fundamental é o ensino sistemático de Literatura, como preveem as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), que voltam a separar a Literatura da Língua Portuguesa, garantindo a esta um maior destaque do que os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002). O Colégio de Aplicação da UFSC organiza esse ensino cronologicamente ao longo dos três anos, cabendo ao segundo ano o século XIX, com leitura de no mínimo três livros por ano, priorizando as leituras das obras ao ensino de história da Literatura.

A abordagem apontada pelas Orientações Curriculares (2006) procura sair do ensino histórico de Literatura para a efetiva leitura de Literatura. O foco passa de um panorama de autores e estilos para o texto, deixando a organização desses textos à escola, não estabelecendo nenhuma ordem. A valorização da leitura das obras é evidenciada em todo o colégio e no trabalho do professor, incitando os alunos a

discutirem os livros, fazendo relações e procurando sentidos. Apesar disso, a escola opta ainda pela antiga abordagem cronológica da Literatura Brasileira.

As Orientações seguem propondo que:

se deve privilegiar como conteúdo de base no ensino médio a Literatura brasileira, porém não só com obras da tradição literária, mas incluindo outras, contemporâneas significativas. Nada impede, e é desejável, que obras de outras nacionalidades, se isso responder às necessidades do currículo de sua escola, sejam também selecionadas. Também é desejável adotar uma perspectiva multicultural, em que a Literatura obtenha a parceria de outras áreas, sobretudo artes plásticas e cinema, não de um modo simplista, diluindo as fronteiras entre elas e substituindo uma coisa por outra, mas mantendo as especificidades e o modo de ser de cada uma delas, pois só assim, não pejorativamente escolarizados, serão capazes de oferecer fruição e conhecimento, binômio inseparável da arte (2006, p.73-74).

O trabalho do professor vai ao encontro desta orientação, de maneira que segue a Literatura Brasileira como elemento norteador das aulas, porém inclui também literatura estrangeira como contra ponto, para fazer referências, explicar influências e mostrar intertextos. No início do ano, foram trabalhados em sala alguns trechos de um livro de Goethe para introduzir o Romantismo. Foi possível perceber também a perspectiva multicultural, valorizando outros tipos de arte através da intertextualidade. O planejamento de outras aulas a que se teve acesso mostra o uso de filmes, músicas e artes plásticas em conjunto com o ensino de Literatura.

No trabalho proposto de criação de um blog pelos alunos, fica evidente o foco nas conexões que os alunos conseguem fazer a partir do texto literário. “A aprendizagem dos estudantes se maximiza quando se utilizam seus comentários para relacionar a literatura e outros textos com uma variedade de experiências e o conhecimento prévio do leitor, porque eles comentam criticamente tópicos dignos de serem analisados” (ALLIENDE, CONDEMARIN, 1987, p.184).

A formação dos alunos, a maioria na escola desde a primeira série, também contribui para que o trabalho com leitura de livros literários ocorra mais tranquilamente, já estando acostumados a ter contato com livros e alguma bagagem de leitura. A maioria dos alunos lê efetivamente os livros e faz as atividades propostas.

As produções escritas dos alunos foram uma carta à personagem do livro de Goethe e o *blog*, nenhum dos quais se teve acesso até o dado momento, porém, pelas propostas de ambas as produções, fica claro que fogem à proposta tradicional de

“redação enquanto um gênero escolar, que subdivide-se em dissertação, narração e descrição, desvinculado do exercício efetivo de leitura e escrita, que se realiza no interior de uma disciplina.” (BRITTO, 1997, p.108). As produções estavam dentro de um gênero escolhido (o professor passou orientações para a criação do blog e para a escritura da carta), com interlocutor que não o próprio professor e dentro de um assunto já estudado que dá base para esta produção. A carta teve uma segunda versão durante o período de observação e os alunos estão acostumados ao trabalho de reescritura do texto.

O trabalho com análise linguística começou com o estudo da propaganda do azeite *Gallo*, com a frase “o vidro escuro é o segurança” na qual a mudança de artigo muda o sentido da frase. O professor aproveitou um exemplo polêmico, um assunto contemporâneo e conseguiu fazer com que os alunos percebessem como a gramática interfere no sentido e compreensão de uma frase, no intuito de “fazer com que o ensino de português deixe de ser visto como transmissão de conteúdos prontos, e passe a ser uma tarefa de construção de conhecimentos por parte dos alunos” (POSSENTI, 1996, p.95).

A partir dessa introdução foi passado o conteúdo dos substantivos como em uma gramática tradicional e sem nenhum objetivo aparente, até a parte de gênero, com a qual se inicia uma discussão sobre gênero e sexo e suas possíveis combinações, acompanhada pela leitura de textos sobre a atual polêmica da psicóloga que cura homossexuais. Os textos atuais sobre polêmicas que estão sendo discutidas na mídia contribuem para a formação de alunos críticos, que relacionam seus estudos e seu cotidiano. A leitura feita em sala ajuda os alunos a buscarem os significados do texto, apontando alguns detalhes que passam despercebidos, sempre tendo atenção para o gênero textual e veículo, percebendo intertextualidades. A leitura neste contexto vai ao encontro de uma das “finalidades atribuídas ao ensino médio: o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado” (Orientações, 2006, p.7).

2.3.2 Relato crítico estagiária Rozelena May de Farias

Dar espaço para a verbalização da representação social e cultural é um grande passo para a sistematização da identidade de grupos que sofrem processos de deslegitimação social. Aprender a conviver com as diferenças, reconhecê-las como legítimas e saber defendê-las em espaço público fará com que o aluno reconstrua a sua autoestima. (BRASIL, 2000, p. 20).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, doravante PCNs, ao discorrerem sobre as competências e habilidades que devem ser desenvolvidas em Língua Portuguesa, apontam para a importância de “considerar a Língua Portuguesa como fonte de legitimação de acordos e condutas sociais e como representação simbólica de experiências humanas manifestas na forma de sentir, pensar e agir na vida social.” (p. 20). Portanto, é na escola que se deve começar a criar este espaço de interação e, mais do que isso, dar todos os subsídios para que o aluno desenvolva, além da sua competência comunicativa, a segurança para se manifestar e se posicionar diante de diversas questões socioculturais. A escola deve romper com as barreiras do autoritarismo e das verdades absolutas, que muitas vezes são construtos culturais ultrapassados, ou a serviço de apenas uma camada social e que, portanto, não toleram diferenças. “Compreender as diferenças, não pelo seu caráter folclórico, mas como algo com o qual nos identificamos e que faz parte de nós como seres humanos é o princípio para aceitar aquilo que não sabemos.” (BRASIL, 2000, p.20).

Outra questão que os PCNs apontam é a da importância em se oportunizar ao aluno a prática do confronto de opiniões e pontos de vista: “a opção do aluno por um ponto de vista coerente, em situação determinada, faz parte de uma reflexão consciente e assumida, mesmo que provisória” (p. 21). Essa prática não pode ser desenvolvida em um modelo de escola que se assume como detentora da verdade a qual o aluno está ali para conhecer e, conseqüentemente, abaixar a cabeça e aceitar. Hoje em dia, e os próprios PCNs chamam a atenção para isso, ainda encontramos na Universidade alunos que não estão preparados para participar do debate, tampouco apresentar trabalhos, porque têm medo, vergonha, sentem-se inseguros para falar em público, ou simplesmente acham que não estão ali para dar sua opinião, mas sim para ouvir o professor, que é o detentor do saber. Isso se deve ao fato deste aluno ter vindo de uma escola onde a prática de estudo da língua e do uso da fala/escrita nunca ter sido voltado para as práticas sociais, como apontam os PCNs: “Como posso dizer, se não sei como

dizer? A situação formal da fala/escrita na sala de aula deve servir para o exercício da fala/escrita na vida social. Caso contrário, não há razão para as aulas de Língua Portuguesa.” (p. 22).

Durante o período que estivemos em sala de aula observando a turma do segundo ano, foi essa prática do exercício da fala/escrita, preparando o aluno para o seu uso social, que mais encontramos. O professor procurou trazer textos que oportunizassem a discussão e o posicionamento dos alunos perante assuntos complexos. E em todos os momentos, vimos o professor se posicionar sutilmente, de modo a não interferir no ponto de vista dos alunos. Ou seja, não houve o exercício da autoridade do tipo de escola que está ali para dar todas as respostas, sem ouvir o aluno. Como, os PCNs sugerem, mesmo que seja uma reflexão provisória, todas as opiniões têm que ser ouvidas. Isso, porque o propósito da escola não é doutrinar, mas sim criar oportunidades para debates e dar voz a todos os participantes.

Essa prática está em consonância com o que propõe o PPP do Colégio, uma vez que tem como algumas das suas finalidades “formar cidadãos livres, conscientes e responsáveis” e “instrumentalizar o educando para uma atuação crítica e produtiva no processo de transformação e construção consciente de uma sociedade justa, humanitária e igualitária” (p.7). Também está em evidência tanto nos objetivos gerais no planejamento geral dos Segundos Anos: “Elaborar com clareza e coerência argumentos e opiniões pessoais sobre temas relacionados com literatura, arte em geral, assuntos da realidade, a partir de opiniões diferenciadas sobre tais temas;” (Planejamento anual 2010), quanto nos planos de aula do professor para este ano: “Elaborar, oralmente ou por escrito, a partir de opiniões diferenciadas, fundamentadas em textos de suportes diversos, argumentos e opiniões sobre fenômenos sociais e artísticos, especialmente os literários, compreendidos em sua complexidade histórica e cultural.” (Planejamento do professor).

O PPP do Colégio também aponta para a importância do envolvimento político para a construção da escola, tendo a participação ativa de toda a comunidade escolar, através de escolhas democráticas. Essa prática se reflete na sala de aula em que um professor promove a abertura de posicionamentos, e está diretamente relacionada com a concepção de linguagem que as escolas orientam e professores adotam. Segundo Geraldi (2011):

Antes de qualquer consideração específica sobre a atividade de sala de aula, é preciso que se tenha presente que toda e qualquer

metodologia de ensino articula uma opção política – que envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade – com os mecanismos utilizados em sala de aula. (p.40).

Isso implica em se fazer as escolhas, segundo o autor, das estratégias, dos materiais, da bibliografia, das avaliações, etc., dentro das opções do professor. Por isso está implicado, na concepção de linguagem que escola e professor adotam. Assim, Geraldi (2011) aponta três concepções: a) expressão do pensamento; b) instrumento de comunicação e c) forma de interação. De acordo com o que podemos observar durante as aulas, o que encontramos foi a concepção da linguagem como forma de interação. Tal concepção, como explica o autor, se define como:

mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (GERALDI, 2011, p. 41).

Desta forma os alunos são chamados a dar a sua contribuição e expor sua opinião, que é fundamental para o processo de construção de sentidos e para o sucesso do debate, no qual eles se tornam sujeitos da interação que ali se instaura.

Fonseca e Geraldi (2011) também apontam para a questão da análise linguística a partir de fenômenos e não como exercício descontextualizado de catalogação de dados: “A análise linguística, por seu turno, não é mera catalogação de dados sob rótulos ou mero conhecimento de uma metalinguagem, mas sim reflexão sobre o fenômeno linguístico em suas manifestações concretas, que são os discursos” (p. 107).

Essa proposta ficou evidente no episódio em que o professor trouxe para a sala de aula a imagem da propaganda do Azeite Gallo, quando os alunos puderem discutir, refletir e levantar hipóteses sobre as diversas leituras que se poderia extrair daquele discurso. Foi a partir daí que, sutilmente, o professor direcionou os alunos a analisar algumas classes de palavras como, substantivos e adjetivos, vendo a importância que o artigo, que tem a função de determinar, exercia naquele discurso. Sem que para isso o professor precisasse trazer para os alunos exaustivos exercícios para catalogar o que era substantivo, adjetivo e artigo.

Além das atividades de leitura e oralidade propostas, durante o período em que acompanhamos as aulas, observamos dois momentos de prática de produção textual. O

primeiro foi na primeira aula, quando o professor devolve as cartas que os alunos haviam redigido como atividade proposta na leitura de uma obra. O segundo foi no último dia de observação, quando o professor pede aos alunos para desenvolverem a atividade do blog, que dava encerramento à unidade sobre Romantismo.

Na primeira atividade, o professor, ao devolver os textos, fez uma reflexão com os alunos sobre alguns aspectos encontrados que poderiam ser modificados, dispensados ou acrescentados no mesmo, dado o tipo de gênero trabalhado, que neste caso era uma carta a um personagem do livro. Assim, ele propôs a refacção dos textos após essa análise.

Esta proposta mostra que o professor parte de uma concepção de produção textual e, principalmente, da correção de textos, na qual a atividade não serve apenas para avaliar se o aluno domina determinadas regras de escrita. Segundo Livia Suassuna (2011)

[...] o papel do professor, o qual, mais do que um identificador de problemas textuais, é um propiciador e facilitador da reflexão, na medida em que permite que o redator (aluno) seja exposto à interpretação do outro, passando a compreender melhor como seu discurso está sendo lido e de que forma essa leitura foi construída. (p. 119).

Desta forma, a atividade escrita não serve apenas para avaliação, mas sim para a construção de um movimento de diálogo com o texto, no qual o aluno poderá desenvolver, com o auxílio do professor no papel de interlocutor, habilidades críticas de questionamento sobre as estratégias para o desenvolvimento do discurso e de seus sentidos.

Assim, os resultados de aprendizagem, são melhores quando, nos procedimentos de refacção, alunos e professor, num movimento dialógico, tomam como objeto de discurso não apenas o texto produzido, mas também o trabalho com o texto, o que permite uma análise mais adequada dos processos, por meio dos quais se dá a apropriação das estratégias e procedimentos discursivos. (SUASSUNA, 2011, P. 120).

A segunda atividade de produção escrita que pudemos observar foi a do blog, na qual os alunos, organizados em grupos de três ou quatro pessoas, deveriam ler um livro (cada grupo) da primeira fase do Romantismo no Brasil e, à medida que fossem lendo, eles deveriam ir postando comentários, resumos, imagens, relatos, etc., num blog criado pelo grupo.

Se levarmos em conta toda uma discussão que vem sendo feita acerca do quanto os alunos efetivamente escrevem quando se trata de tecnologias como, mensagens de texto, *twitter*, blogs, etc., a proposta do blog vai de encontro a esse novo mundo no qual o aluno está inserido: o da era digital. Assim, ao professor que está atento a esta nova realidade, talvez não caiba mais o discurso de que os alunos não gostam de escrever. Segundo Vanda Maria Elias (2011):

Se houve um tempo em que era comum se ouvir dizer que os alunos de modo geral não gostavam de escrever e quando o faziam era para atender a alguma solicitação da escola, atualmente, essa afirmação está cada vez mais difícil de ser sustentada, visto que em tempos de cultura digital, os alunos trocam muitas mensagens na internet, criam comunidades virtuais, blogam e twittam no universo da rede, interagindo com várias e várias pessoas por meio da escrita e sem que a escola solicite que eles o façam, vale destacar. (p. 159).

Entretanto, a experiência serve para, nós futuros professores, fazermos uma reflexão acerca do que o aluno gosta de escrever neste contexto, ou até mesmo, com o que ele se identifica quando escreve nestas circunstâncias. Uma vez que, mesmo tendo iniciado a atividade um mês antes, para poder terminá-la em tempo hábil⁷, algumas equipes sequer tinham criado blog, tampouco tinham iniciado a leitura dos livros. O que nos faz refletir que, mesmo que estejamos em consonância com este novo universo de múltiplas oportunidades de expressão, um velho dilema ainda parece estar longe de se resolver: como despertar no aluno o interesse pela leitura e, conseqüentemente, a vontade de escrever sobre determinados assuntos.

⁷ Uma vez que logo iríamos iniciar nossa docência e, para isso, o professor precisaria que os alunos apresentassem o blog. Isso porque, na nossa docência trabalharíamos a segunda fase do Romantismo.

2.4 PROJETO DE DOCÊNCIA

INTRODUÇÃO

As aulas apresentadas aqui fazem parte do planejamento para o Estágio de Docência em Língua Portuguesa II. O mesmo será realizado na turma A do segundo ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC. O projeto foi planejado de maneira a dar continuidade ao trabalho do professor da turma e ao planejamento da escola para o segundo ano do Ensino Médio.

ESCOLHA DO TEMA

O tema do estágio foi escolhido pelo planejamento do professor da turma de maneira a dar continuidade ao conteúdo que já começara a ser trabalhado. O professor já havia encaminhado um trabalho de leitura de alguns romances românticos para trabalhar com os alunos, só não tendo incluído romances da conhecida como segunda fase do Romantismo ou Ultrarromantismo. Desta maneira, ficou decidido que este seria o conteúdo a ser trabalhado pelas estagiárias.

Com o propósito de focar a experiência de estágio na leitura de livros de Literatura, contrapondo-se ao antiquado ensino de História da Literatura, teve-se a ideia de resgatar um projeto já existente de uma das estagiárias, um círculo de leitura e adaptá-lo aos presentes objetivos.

Essa experiência anterior vem da aplicação do projeto com alunos de uma escola de inglês, onde uma das estagiárias trabalhava. Este tipo de círculo de leitura é bastante incentivado por grandes editoras internacionais como, Oxford University Press e Cambridge, que por sua vez, vieram ao Brasil beber na fonte de Paulo Freire, com sua proposta dos círculos de cultura⁸. Em seu site, a Editora Oxford, ao propor os *Reading*

⁸ Método de alfabetização de adultos que partia da ideia de escrita a partir do reconhecimento de elementos que faziam parte da realidade do alfabetizando. Segundo Pelandré (2009), os círculos de leitura eram “espaço de desenvolvimento dos debates sobre a realidade existencial dos alfabetizados, momento em que os monitores, por meio dos ‘temas geradores’, problematizavam as situações, estimulando a participação e o posicionamento crítico.” (p. 63).

*Circles*⁹, para a série Bookworms, sugere seis funções¹⁰ a serem exercidas pelos participantes do círculo de leitura. Entretanto, para a adaptação e aplicação do projeto numa turma de Ensino Médio regular, temos o desafio de promover uma ampliação no número de funções e trabalhar com a leitura de dois livros, concomitantemente. Assim, além do debate sobre cada leitura, tentaremos promover uma interação de opiniões e informações sobre os dois títulos diferentes.

A escolha de títulos para a atividade concentrou-se no maior representante do Ultrarromantismo brasileiro, Alvarez de Azevedo, com seu único livro em prosa (já que o professor posteriormente trabalharia poesia) *Noite na Taverna*. A escolha do segundo título deveria acompanhar a temática e se relacionar com o primeiro: além de ser prosa e um texto curto, já que seria lido simultaneamente ao outro. Encaixando-se em todos esses pré-requisitos, Edgar Allan Poe foi escolhido por ser um dos autores góticos mais representativos de sua época, com vários contos que são referência na área de Literatura. Seus contos curtos e tramas instigantes parecem uma boa escolha para o Ensino Médio e se relacionam intimamente com o Ultrarromantismo brasileiro. O livro *Assassinatos na Rua Morgue e outras Histórias* é uma pequena seleção de contos em edição de bolso para que os alunos possam ter fácil acesso.

REFERENCIAL TEÓRICO

A instituição da Literatura reconhece, em princípio ou por essência, o direito de dizer tudo ou de não dizer dizendo, portanto o direito ao segredo ostentado. A Literatura é livre. Ela deveria sê-lo. Sua liberdade é também aquela que uma democracia promete. (Derrida)

A atual tradição de ensino de Literatura nas escolas é a de base historiográfica, que vai da carta de Caminha até o século XX mostrando as escolas literárias, suas características e principais escritores. No final de três anos de Ensino Médio a maioria dos alunos decorou que no Romantismo se falava de índios e que Machado de Assis foi um escritor do Realismo, porém, se confrontados com textos de tais períodos ou escritores não são capazes de extrair sentidos e apropriar-se da escritura. A formação de

⁹ Círculos de Leitura.

¹⁰ *Discussion leader, passage person, word master, connector, summarizer, culture collector.* (Em livre tradução: líder de discussões, encarregado das passagens – trechos do livro -, mestre das palavras, conector, encarregado do resumo e coletor cultural).

alunos críticos, como pregam as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006), depende de tornar o aluno um leitor autônomo, capaz de ler além das linhas e fazer conexões com diversas situações. Walter Benjamin, grande teórico da Literatura do século defende que “só uma disciplina que abandona suas características museológicas pode substituir a ilusão pela realidade” (1999, p.97).

A Literatura não pode mais ser ensinada somente como um documento de época, mas deve mostrar-se como construção histórica, montagem e intertexto, espaço de memória e tensões entre o passado e o presente. “Faz-se necessário e urgente o letramento literário: empreender esforços no sentido de dotar o educando da capacidade de se apropriar da literatura, tendo dela a experiência literária” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006, p.41). E a única maneira de alcançar este objetivo é debruçar-se sobre o texto, ler, reler, discutir, perceber os diálogos dentro do texto. O espaço da sala de aula deve destinar-se a formar leitores de literatura, com amplo acervo.

Para tal fim é preciso instigar os alunos a lerem os livros e propor formas de análise e discussões, nas quais se volte ao texto para extrair dele o máximo. “A aprendizagem dos estudantes se maximiza quando se utilizam seus comentários para relacionar a literatura e outros textos com uma variedade de experiências e o conhecimento prévio do leitor, porque eles comentam criticamente tópicos dignos de serem analisados” (ALLIENDE, CONDEMARIN, 1987, p.184). Para fazer com que os alunos comentem e relacionem os textos lidos, o círculo de leitura é uma estratégia significativa. “o prazer e o entusiasmo pela leitura são estimulados quando os alunos participam de discussões sobre livros, círculos de leitura” (ALLIENDE, CONDEMARIN, 1987, p.185). O círculo proporciona a todos os alunos a oportunidade de participar, pesquisar e se aprofundar na leitura, a troca de experiências e o dialogo com os colegas acerca do material contribui a compreensão do texto, “sabe-se, pelas pesquisas recentes, que é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre os aspectos relevantes do texto” (KLEIMAN, 2001, p.24).

Os círculos de leitura também são sustentados pelas Orientações Curriculares quando preveem que “os eventos de leitura se caracterizem como situações significativas de interação entre o aluno e os autores lidos, os discursos e as vozes que ali emergirem, viabilizando, assim, a possibilidade de múltiplas leituras e a construção de vários sentidos” (2006, p.33).

A leitura de dois títulos diferentes pelos alunos propicia os diálogos e trocas, para que os alunos aos poucos percebam como todos os textos referem-se uns aos outros e como é possível estabelecer conexões entre eles, e como conhecer vários outros textos é necessário para a melhor compreensão de um outro. O círculo de leitura está planejado para que os alunos tenham uma grande imersão no mundo da literatura e tenham prazer em explorá-lo ao máximo, notando que as possibilidades nunca se esgotam e os textos sempre retornam.

OBJETIVOS

Apresentar aos alunos a segunda fase do Romantismo, também conhecida como Ultrarromantismo. Conhecer autores importantes do movimento. Correlacionar outras influências que o mesmo teve em diversas áreas das artes, como na música e nas artes plásticas. Promover o debate do tema através da leitura de uma obra representativa dessa escola e outra a ela relacionada. Discutir diversos aspectos das obras, bem como das principais características do ultrarromantismo. Promover círculos de leitura e debates sobre cada capítulo dos livros lidos.

METODOLOGIA

Em uma aula anterior ao início do período de docência, as estagiárias apresentarão o projeto de leitura aos alunos, mostrando os dois livros a serem lidos para que eles possam comprar e iniciar a leitura. Nesse primeiro encontro também será apresentada a dinâmica do círculo de leitura, separando a sala em dois grupos, correspondente a cada livro, e distribuindo as funções entre os alunos. Também serão entregues orientações para o trabalho final. As primeiras duas aulas serão expositivas sobre o tema, seguindo dez aulas para a atividade do círculo de leitura. As últimas quatro aulas estão reservadas para a apresentação dos trabalhos dos alunos e comentários finais sobre o tema.

Círculos de leitura:

O trabalho com o círculo de leitura será feito durante cinco encontros de duas aulas cada. A Turma será dividida em dois grupos, um com onze alunos e outro com doze. Um grupo trabalhará com *Noite na Taverna* e o outro grupo trabalhará com *Assassinatos na Rua Morgue e outras histórias*. A participação dos alunos durante os trabalhos se dará por funções que cada um terá que exercer no círculo. Assim, a cada encontro o aluno cumprirá uma função diferente¹¹. As funções são: Presidente, responsável por coordenar os trabalhos, decidindo quem será o próximo a apresentar e controlar o tempo de apresentação de cada um; Diretor de Resumo, responsável por apresentar um breve resumo do capítulo para o outro grupo – devido à necessidade de apresentar a história ao outro grupo, este deverá ser o primeiro a falar; Diretor de Viagens, responsável por situar geograficamente, quando possível, os locais onde as histórias se passam; Diretor de Ilustrações, que trará algum tipo de ilustração – feita por ele mesmo, ou imagens de revistas, internet, etc., - que represente alguma passagem do capítulo; Explorador, cuja função é encontrar no texto passagens “poderosas”, marcantes, engraçadas, intrigantes, etc., - vale ressaltar que o grupo com doze participantes terá dois exploradores; Conector 1, sua tarefa é conectar passagens do livro com situações reais; Conector 2, que fará conexões com situações históricas ou com outras obras literárias; Conector 3, será encarregado de encontrar elementos do próprio Ultrarromantismo no capítulo lido; Diretor de Riquezas Vocabulárias (dois para cada grupo), cuja função é encontrar novos vocábulos e apresentar as definições para os colegas; por último há a função de Diretor de Discussões, que ficará encarregado de trazer duas ou três perguntas para o seu grupo e/ou para o outro grupo, sobre o trecho lido.

Todos os alunos participarão de todas as aulas que envolvem o círculo de acordo com sua função. Os trabalhos finais serão elaborados em casa pelos alunos a partir do livro lido e das orientações, com base em algumas sugestões das estagiárias como talk-show, vídeo, música, pôster, etc. Sendo que os mesmos podem ser um grupo, dupla ou até individuais.

¹¹ A distribuição das funções será definida previamente (ANEXO L), e uma explicação sobre a dinâmica dos círculos, sobre o funcionamento das funções, bem como sobre os trabalhos finais, será entregue aos alunos por meio de *Handout* (ANEXO M).

RECURSOS NECESSÁRIOS

Serão utilizados durante a aula: apresentação de *Power Point* elaborada pelas estagiárias com músicas e vídeos sobre o assunto; quadro-negro e giz; folha explicativa das funções do círculo de leitura; folha com instruções para o trabalho final.

RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS

Leitura dos alunos: Noites na Taverna de Alvarez de Azevedo e Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias. Material de consulta para as estagiárias: Edgar Allan Poe, Sua Vida e Suas Obras de Charles Baudelaire; História da Literatura Brasileira de Luciana Stegagno-Picchio; Formação da Literatura Brasileira de Antonio Candido; Lira dos Vinte Anos, Alvarez de Azevedo; O Romantismo de J. Guinsburg.

AVALIAÇÃO

Haverá duas avaliações ao longo do período de regência, a primeira pela participação no círculo de leitura, durante o qual os alunos serão avaliados pela: leitura do livro, compreensão do livro, cumprimento de sua função dentro do círculo, pertinência da fala ou material trazido para cumprir sua função, resposta a eventuais perguntas que lhe possam ser propostas. A segunda avaliação será o trabalho final proposto a eles, observando a adequação do trabalho ao tema, o quanto ele reflete o material lido e demonstra a compreensão do mesmo.

PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA 1

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiária: Rozelena.

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 27/04/2012 (2 horas/aula).

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Apresentar o tema do estágio relacionando ao trabalho que já desenvolveram com o professor da turma;

3.2 Situar os livros a serem lidos.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Relembrar as aulas sobre romantismo que os alunos já tiveram;

4.2 Apresentar o Ultrarromantismo;

4.3 Fazer conexões com Literatura mundial, cinema, música e artes em geral;

4.4 Contextualizar os livros a serem lidos.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Romantismo e Ultrarromantismo

6 METODOLOGIA

6.1 Apresentação do tema;

6.2 Resgate das aulas sobre romantismo, retomada do com teúdo trabalhado pelo professor;

6.3 Apresentação em Power Point sobre Ultrarromantismo;

6.4 Conexões sobre o tema gótico, aproveitando a contribuição dos alunos;

6.5 Situar os livros a serem lidos dentro do movimento estudado.

7 RECURSOS

7.1 Apresentação em Power Point; Data Show; Vídeos.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação na aula.

9 REFERÊNCIAS

PLANO DE AULA 2

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiárias: Rozelena.

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 03/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo;

2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

2.3 Hop-Frog ou os Oito Orangotangos acorrentados de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Organizar o círculo de leitura de maneira que todos os alunos participem;

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Garantir a leitura e compreensão dos textos lidos;

4.2 Analisar os textos lidos com a participação dos alunos.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo e suas possíveis conexões;

5.2 Leitura e interpretação de texto.

6 METODOLOGIA

- 6.1 Divisão da Sala em dois grupos conforme os livros;
- 6.2 Início do círculo de leitura do primeiro grupo pelo aluno com a função de presidente, coordenando todos os demais de seu grupo;
- 6.3 Início do círculo de leitura do segundo grupo da mesma maneira como o primeiro.

7 RECURSOS

- 7.1 Livro Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;
- 7.2 Livro Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias de Edgar Allan Poe.

8 AVALIAÇÃO

- 8.1 Participação na atividade;
- 8.2 Adequação a sua função.

9 REFERÊNCIAS

- 9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- 9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012.

PLANO DE AULA 3

1 IDENTIFICAÇÃO

- 1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC
- 1.2 Professor regente: George França
- 1.3 Estagiárias: Rozelena.
- 1.4 Turma: 2º A
- 1.5 Data: 04/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

- 2.1 Ultrarromantismo;
- 2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;
- 2.3 Os fatos que envolveram o caso de Mr. Valdemar de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Organizar o círculo de leitura de maneira que todos os alunos participem;

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Garantir a leitura e compreensão dos textos lidos;

4.2 Analisar os textos lidos com a participação dos alunos.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo e suas possíveis conexões;

5.2 Leitura e interpretação de texto.

6 METODOLOGIA

6.1 Divisão da Sala em dois grupos conforme os livros;

6.2 Início do círculo de leitura do primeiro grupo pelo aluno com a função de presidente, coordenando todos os demais de seu grupo;

6.3 Início do círculo de leitura do segundo grupo da mesma maneira como o primeiro.

7 RECURSOS

7.1 Livro Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

7.2 Livro Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias de Edgar Allan Poe.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação na atividade;

8.2 Adequação a sua função.

9 REFERÊNCIAS

9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012

PLANO DE AULA 4

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiárias: Rozelena.

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 11/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo;

2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

2.3 O gato preto de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Organizar o círculo de leitura de maneira que todos os alunos participem;

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Garantir a leitura e compreensão dos textos lidos;

4.2 Analisar os textos lidos com a participação dos alunos.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo e suas possíveis conexões;

5.2 Leitura e interpretação de texto.

6 METODOLOGIA

6.1 Divisão da Sala em dois grupos conforme os livros;

6.2 Início do círculo de leitura do primeiro grupo pelo aluno com a função de presidente, coordenando todos os demais de seu grupo;

6.3 Início do círculo de leitura do segundo grupo da mesma maneira como o primeiro.

7 RECURSOS

7.1 Livro Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

7.2 Livro Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias de Edgar Allan Poe.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação na atividade;

8.2 Adequação a sua função.

9 REFERÊNCIAS

9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012

PLANO DE AULA 5

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiárias: Clara Santos

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 17/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo;

2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

2.3 Nunca aposte sua cabeça com o diabo de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Organizar o círculo de leitura de maneira que todos os alunos participem;

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Garantir a leitura e compreensão dos textos lidos;

4.2 Analisar os textos lidos com a participação dos alunos.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo e suas possíveis conexões;

5.2 Leitura e interpretação de texto.

6 METODOLOGIA

6.1 Divisão da Sala em dois grupos conforme os livros;

6.2 Início do círculo de leitura do primeiro grupo pelo aluno com a função de presidente, coordenando todos os demais de seu grupo;

6.3 Início do círculo de leitura do segundo grupo da mesma maneira como o primeiro.

7 RECURSOS

7.1 Livro Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

7.2 Livro Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias de Edgar Allan Poe.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação na atividade;

8.2 Adequação a sua função.

9 REFERÊNCIAS

9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012.

PLANO DE AULA 6

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiárias: Clara Santos

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 18/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo;

2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

2.3 Assassinatos na Rua Morgue de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Organizar o círculo de leitura de maneira que todos os alunos participem;

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Garantir a leitura e compreensão dos textos lidos;

4.2 Analisar os textos lidos com a participação dos alunos.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo e suas possíveis conexões;

5.2 Leitura e interpretação de texto.

6 METODOLOGIA

6.1 Divisão da Sala em dois grupos conforme os livros;

6.2 Início do círculo de leitura do primeiro grupo pelo aluno com a função de presidente, coordenando todos os demais de seu grupo;

6.3 Início do círculo de leitura de segundo grupo da mesma maneira como o primeiro.

7 RECURSOS

7.1 Livro Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

7.2 Livro Assassinatos na Rua Morgue e Outras Histórias de Edgar Allan Poe.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação na atividade;

8.2 Adequação a sua função.

9 REFERÊNCIAS

9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012

PLANO DE AULA 7

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiárias: Clara Santos

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 24/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo;

2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

2.3 Assassinatos na Rua Morgue de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Apresentação dos trabalhos finais.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Verificar a leitura e compreensão dos livros;

4.2 Socializar os resultados do estágio com o grupo.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo

6 METODOLOGIA

6.1 Fechamento do tema comentando as leituras e o resultado do círculo de leitura ouvindo as opiniões dos alunos;

6.2 Apresentações dos trabalhos finais preparados pelos alunos previamente de acordo com as orientações no *handout* entregue a eles.

7 RECURSOS

7.1 Material trazido pelos alunos para apresentação dos trabalhos.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação;

8.2 Adequação do trabalho à proposta: utilizar textos lidos, demonstrar compreensão do conteúdo, fazer breve apresentação e entregar material escrito.

9 REFERÊNCIAS

9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012

PLANO DE AULA 8

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Escola: Colégio de Aplicação da UFSC

1.2 Professor regente: George França

1.3 Estagiárias: Clara Santos

1.4 Turma: 2º A

1.5 Data: 25/05/2012 (2 horas/aula)

2 TEMA

2.1 Ultrarromantismo;

2.2 Noite na Taverna de Alvarez de Azevedo;

2.3 Assassinatos na Rua Morgue de Edgar Allan Poe.

3 OBJETIVO GERAL

3.1 Apresentação dos trabalhos finais.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

4.1 Verificar a leitura e compreensão dos livros;

4.2 Socializar os resultados do estágio com o grupo.

5 CONHECIMENTOS ABORDADOS

5.1 Ultrarromantismo

6 METODOLOGIA

6.1 Apresentações dos trabalhos finais;

6.2 Encerramento do estágio.

7 RECURSOS

7.1 Material trazido pelos alunos para apresentação dos trabalhos.

8 AVALIAÇÃO

8.1 Participação;

8.2 Adequação do trabalho à proposta.

9 REFERÊNCIAS

9.1 AZEVEDO, Álvares. Noite na Taverna. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

9.2 POE, Edgar Allan. Assassinatos na rua morgue. Porto Alegre: L&PM, 2012

2.5 RELATO DO EXERCÍCIO DE DOCÊNCIA

2.5.1 Estagiária Clara

27.04.2012

A estagiária Rozelena iniciou a aula se apresentando novamente aos alunos e fazendo a chamada. Em seguida começou a apresentação em *power point* sobre o *Ultrarromantismo*, tema que seria tratado em todo o estágio. Os alunos lembraram o que aprenderam nas aulas sobre *Romantismo*, e deram ideias do que poderia ser o *Ultrarromantismo*. Uma das alunas faz várias perguntas sobre o tema, como por exemplo, “porque o ultrarromantismo é para o mal?” ou “os primeiros poemas não começaram com coisas felizes?”. No momento em que a estagiária mostra um poema de Lord Byron, os alunos brigam para decidir quem vai ler. Alguns alunos reclamam do tema e da futura leitura. Em seguida a estagiária pede para os alunos lembrarem algumas referências como filmes e músicas que se relacionassem ao tema e assiste alguns trechos com os alunos. Nos últimos minutos de aula faz-se a organização dos grupos para iniciar o círculo de leitura na aula seguinte.

03.05.2012

Os alunos estavam bem agitados e demorou para a aula começar. O círculo de leitura teve início com o grupo Noite na Taverna. A presidente, Amanda, não havia lido. O resumo e as funções de conector 3 e diretor de viagens foram muito bem feitos. O diretor de discussão fez perguntas sobre o outro livro, então é deixado para depois da apresentação do outro livro. Os demais alunos não fizeram ou não entenderam bem suas funções.

O grupo de *Assassinatos na Rua Morgue* teve início com o presidente, Allan, que cumpriu muito bem sua função. O resumo foi muito bem feito e explicado com as palavras da aluna. O explorador e o diretor de viagens foram destaque. Todos os alunos apresentaram sua parte. Caroline, diretora de discussão, trouxe algumas perguntas, porém, já havia dito que não havia lido o livro. No fim do círculo houve um debate

sobre a cena do livro em que o personagem faz sexo com uma mulher que ele crê morta. Isis fica indignada dizendo que foi estupro enquanto Kiane e Victoria defendem que foi por amor. Discussão fica um pouco exaltada. No fim da aula a estagiária relembra os alunos que no dia seguinte aconteceriam as apresentações dos capítulos seguintes e que a atividade estava valendo nota. Os alunos reclamam da falta de tempo.

04.05.2012

Há uma certa demora até que todos estejam prontos para começar. O círculo tem início com o livro *Assassinatos da Rua Morgue*. Uma aluna, Caroline, não fez. Todos os outros fazem um bom trabalho e trazem discussões interessantes para o grupo. A função que não feita foi por Caroline, de explorador, Allan se dispõe a fazer.

No grupo de *Noite na Taverna* o presidente se confunde um pouco a respeito de quem deve começar. Daniel, que explica que não leu os primeiros capítulos porque estava doente, explica a história com suas próprias palavras. Amanda, conector 1, ou seja deveria fazer conexões com situações reais, traz um poema sobre traição e morte. Todos realizam suas funções satisfatoriamente. Isis, diretora de discussão, levanta questões polêmicas que levam a algumas discussões acaloradas. Victória pergunta se era normal vender mulheres na época.

11.05.2012

O círculo tem início com *Noite na Taverna*. O resumo de Kiane tem alguns problemas de interpretação, que a estagiária retoma. Bruna não fez e Isis disse que não conseguiu conectar com nada. Um dos alunos faltou. No meio das discussões Isis pergunta algo sobre o desenho que já havia sido discutido, a estagiária diz que isso já passou e chama atenção para a presente discussão. Depois de um pouco de confusão as perguntas são respondidas.

O grupo de *Assassinatos na Rua Morgue* contou com uma boa participação, apenas um dos alunos não apresentou. Kiane reclama que as estagiárias estão pedindo para os alunos lerem coisas muito fortes. Diana fala para o professor da turma George que não estava conseguindo ler o livro porque estava lhe fazendo mal. George dá uma bronca na turma por causa do barulho e a estagiária ameaça anotar o nome dos alunos

que atrapalhem a aula. Nos últimos minutos a estagiária explica sobre o trabalho final e tira dúvidas.

2.5.2 Estagiária Rozelena

17.05.2012

A partir deste dia, a estagiária Clara assume a regência da turma. Nesta aula acontece o quarto círculo, com a apresentação dos contos *Nunca aposte sua cabeça com o diabo*, de Poe, e *Claudius Hermann*, de Álvares de Azevedo.

Os trabalhos se iniciaram pelo conto de Poe. A turma estava bastante participativa e focada neste dia, colaborando mais com as apresentações. A estagiária não teve maiores problemas em conter a turma, que como já foi mencionado, apesar de participativa, é bastante barulhenta e tende a desviar o foco muitas vezes.

Durante as apresentações tivemos algumas situações que merecem destaque, como a de um aluno do grupo Assassinatos na Rua Morgue, cuja função era CONECTOR 2, que disse a princípio que não havia conseguido relacionar pois não havia entendido, mas que ali naquele momento ele ia tentar fazer suas conexões, acabando por discorrer sobre as questões das fábulas que têm suas morais e os valores que essas morais trazem ao leitor. Outro exemplo a ser destacado foi o de uma aluna do grupo Noites na Taverna, cuja função era Diretor de Riquezas Vocabulárias, e que apresentou os novos vocábulos, citando as passagens onde se encontram tais vocábulos, assim, além de apresentar os significados, ela conseguiu contextualizá-los para os colegas.

Em ambos os grupos uma função deixou de ser apresentada. No grupo Assassinatos na Rua Morgue, a aluna responsável pela ilustração faltou, e no grupo Noite na Taverna, a aluna responsável pela função de explorador não fez a atividade.

Os círculos, nesta etapa, já estavam se desenvolvendo mais rapidamente, e neste dia, principalmente por conta do maior envolvimento dos alunos nos debates, os últimos vinte minutos de aula foram utilizados para orientação e organização das turmas para as apresentações finais da semana seguinte.

18.05.2012

Neste dia foi feito o último círculo de debates, sendo que os contos a serem apresentados eram *Johann* e *Último beijo de amor*, os dois últimos contos de *Noite na Taverna*; e *Assassinatos na Rua Morgue*, principal conto do livro de Poe trabalhado pelo grupo.

Diferente do que aconteceu na aula anterior, neste dia a turma estava bastante agitada. As apresentações começaram pelo grupo de *Noite na Taverna*, e a aluna responsável pelo resumo faltou. Houve um momento bastante confuso, no qual alguns alunos começaram a se acusar de não terem lido.

A princípio, sugeriu-se que o presidente deveria fazer o resumo, mas ele se esquivou da obrigação dando a entender que não havia lido. Outros quatro alunos assumem a responsabilidade e apresentam o resumo. Como havia se instalado uma confusão, eles acabam tendo que apresentar o resumo três vezes, já que muitos ainda estavam tentando desviar o foco, com acusações de que o grupo não estava fazendo a sua parte no projeto.

Outro momento delicado foi no final da apresentação do grupo, quando a Diretora de Discussão pede para que o outro grupo resuma o que entenderam dos dois capítulos. Uma aluna fica revoltada dizendo que o que ela queria era que os alunos do outro grupo fizessem o que eles não tinham feito (neste caso, o resumo). Este momento precisou de nossa interferência, quando foi chamada a atenção da aluna reclamante para o fato de as apresentações estarem sendo feitas para todos os colegas, e não para os professores. Assim, todos tinham a obrigação de acompanhar e prestar atenção em todos os colegas. Porém, apesar das reclamações, um aluno do grupo respondeu à solicitação¹².

Neste dia, a aluna responsável pela função de Conector 3 do grupo *Noite na Taverna* faltou e uma colega tentou fazer a parte dela. Uma aluna do mesmo grupo trocou a função com outra colega, pois havia se enganado na aula anterior, fazendo o que seria para este dia. O Diretor de Ilustrações do grupo *Assassinatos na Rua Morgue* fez duas ilustrações durante a aula. Os demais participantes trouxeram suas tarefas.

¹² Vale ressaltar que este aluno era repente, assim, já havia lido o livro no ano anterior.

24.05.2012

Neste dia não houve aula, pois os alunos dos Segundos Anos resolveram participar de um protesto, na Assembleia Legislativa, contra a extinção do Cursinho pré-vestibular da UFSC, por conta do corte do repasse de verbas pelo Governo do Estado.

Para este dia estavam agendadas as primeiras apresentações dos trabalhos de consolidação de leitura. Assim, foi necessário reorganizar nosso planejamento para que os alunos apresentassem todos num dia só.

25.05.2012

Nesta aula, usamos o auditório para as apresentações. O primeiro grupo a se apresentar foi a equipe do livro *Assassinatos na Rua Morgue*. O grupo trabalhou em conjunto, com todos os participantes, entretanto eles fizeram duas apresentações. A primeira foi uma dramatização do conto *Assassinatos na Rua Morgue*, na qual todos os alunos se apresentaram de alguma forma, alguns como personagens principais, outros como figurantes, e uma aluna como narradora. O segundo momento, foi a apresentação de um vídeo com fotos dos alunos durante o processo de criação e ensaios da peça, tendo como fundo musical um *rap* criado e cantado por um aluno do grupo. A música, por sua vez, fala de *Hop Frog*, o primeiro conto do livro.

A segunda apresentação foi um vídeo feito por quatro alunas sobre um capítulo do *Noite na Taverna*, o trabalho, apesar de muito bom, continha um pequeno erro de interpretação do capítulo. As apresentações prosseguiram com um grupo de cinco alunos que apresentaram um talk-show bastante improvisado, mas demonstrando domínio do livro. A última apresentação foi feita por uma dupla e consistia em um cartaz para fazer a divulgação do livro *Noite na Taverna*, porém as alunas colocaram Edgar Allan Poe como o autor da obra, e só descobriram seu erro no meio da apresentação quando os colegas apontaram o problema. Uma dupla não apresentou no dia, mas mandou o trabalho por e-mail posteriormente.

2.6 COMENTÁRIOS SOBRE O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

2.6.1 Clara

Os resultados que conseguimos ao fim da docência, o trabalho final e a participação no círculo de leitura, foram bastante satisfatórios. A grande maioria dos alunos leu os livros e participou da atividade. Por ser uma leitura de certo grau de complexidade alguns alunos apresentaram problemas de compreensão ao longo da docência, porém no trabalho final a maioria demonstrou domínio do conteúdo, conseguindo falar sobre o livro sem problemas.

As maiores dificuldades foram constatadas em alunos que já demonstravam um desempenho abaixo da média com o professor regente, assim como em outras matérias. Atribuímos essas dificuldades a não leitura do livro ou descaso com a atividade, enfatizando que nos referimos aqui a alguns casos isolados. Em um caso específico a aluna leu o livro e fez grande parte das atividades, mas demonstrou pouca compreensão do conteúdo. Ressaltamos, contudo, que tal aluna já apresentava dificuldade em várias matérias na escola.

O interesse e a participação da maioria dos alunos facilitou o processo de aprendizagem e fez com que eles se apropriassem do conteúdo estudado. As notas dos alunos em geral refletem esse resultado, sendo que somente dois alunos obtiveram média abaixo de 6,0.

2.6.2 Rozelena

O desenvolvimento das aulas, principalmente no decorrer dos círculos de leitura foi bastante positivo. No início, ficamos um pouco receosas quanto ao sucesso do projeto, uma vez que, além de ser uma turma com um histórico de difícil controle, com alunos que tentam desviar o foco, chamar atenção e criticar um ao outro o tempo todo, o próprio projeto era algo completamente novo para eles. Assim, chegamos a temer que não conseguíssemos desenvolver os trabalhos conforme o planejado.

No primeiro dia, apesar da turma estar bastante agitada, consegui fazer a aula expositiva e discutir com eles sobre os elementos e as características mais importantes das duas fases do Romantismo. Fazendo com que os alunos participassem, apesar de que algumas vezes, alguns tentavam desviar o foco me forçando a trazê-los de volta ao assunto. Entretanto, a participação deles foi muito boa, e isso ajudou bastante, posteriormente, nas atividades do círculo de leitura, principalmente, nos momentos de debate e conexão com os elementos do Ultrarromantismo.

Com relação aos círculos de leitura, nossa preocupação maior era com o fato de muitos alunos terem dito que não haviam entendido ainda o que deveriam fazer. Entretanto, no geral, as tarefas foram muito bem cumpridas já no primeiro círculo. Assim, nos seguintes, todos já demonstravam entender muito bem as atividades, salvo alguns casos de conexões que pareceram um tanto difícil. Com isso, podemos dizer que tivemos gratas surpresas, como excelentes resumos, ótimas conexões, etc¹³. Entretanto, vale ressaltar que houve alguns episódios em que alunos fizeram a atividade durante a aula mesmo, enquanto outros apresentavam, ou de alunos que simplesmente não leram, porque sua função naquele dia era Presidente, por exemplo.

Quanto aos trabalhos finais, os grupos realmente superaram as nossas expectativas, fazendo ótimas atividades como dramatização de um conto, vídeo, *rap* e *Talk Show*¹⁴. Tivemos apenas o caso de duas alunas que, já durante os círculos, demonstraram alguma dificuldade. Uma delas fez as atividades, mas deixou claro que não estava entendendo. A outra deixou de fazer as leituras em alguns encontros, faltou num e no outro trocou a atividade. Isso se refletiu bastante no trabalho final, onde as duas confundiram obra e autor. Entretanto, no geral, as notas foram excelentes, o que reflete o efetivo aproveitamento do processo e da apreensão do conteúdo.

¹³ Na seção ANEXOS, apresentamos algumas atividades que os alunos trouxeram para os círculos, como resumos, ilustrações, conexões, etc.

¹⁴ Os vídeos estão disponíveis no Youtube, nos seguintes links:

<http://www.youtube.com/watch?v=JWR8BrpZPuc>

<http://www.youtube.com/watch?v=INFHP2sTOo0>

<http://www.youtube.com/watch?v=w-5eZ-n3ARI&feature=youtu.be>

2.7 PROJETOS EXTRACLASSE

2.7.1 Trabalho extraclasse Clara

PROBLEMATIZAÇÃO

Inserir-se na rotina de uma escola como o Colégio de Aplicação e atrair a atenção de alunos com um novo projeto extraclasse, parece ser uma tarefa árdua para uma escola já oferece tantos projetos a seus alunos.

Porém, como bem observa Geraldi (2010, p.91), *a escola é chamada a responder um desafio que não é seu, porque já não é mais um desafio proposto pela relação entre professor, alunos e conhecimentos, mas posto pela vertiginosa obsolescência de saberes e práticas produtivas.*

Tendo em vista a fala de Geraldi, em alguns casos, as práticas aplicadas pelos professores em sala de aula não garantem ao aluno subsídios para que sejam capazes de: posicionar-se criticamente, expressar suas ideias, conhecer e valorizar o patrimônio cultural, utilizar diferentes linguagens, usar sua criatividade e intuição para resolver problemas e exercer seu papel de cidadão.

Nesse viés, a convite do Prof^o George França (professor de Língua Portuguesa nos 2^o anos) e juntamente com ele e a professora de teatro da escola, Nara Micaela Wedekin, elaboramos um projeto extraclasse que pudesse abranger aquilo que o professor não consegue alcançar dentro da sala de aula, no horário regular e também para atender a solicitação do PET Letras¹⁵ da UFSC, o qual convidou o professor George para que coordenasse um sarau com seus alunos para que fosse apresentado na *Semana Clarice*¹⁶.

Acreditamos que esse seja um caminho para uma formação mais completa do aluno na escola. Nosso desejo, como futuras educadoras, é que a passagem do aluno

¹⁵ Criado e implantado em 1979 pela CAPES, o PET (outrora Programa Especial de Treinamento, hoje Programa de Educação Tutorial) é um programa acadêmico direcionado a alunos regularmente matriculados em cursos de graduação. São objetivos deste Programa: a melhoria do ensino de graduação, a formação acadêmica ampla do aluno, a interdisciplinaridade, a atuação coletiva e o planejamento e a execução, em grupos sob tutoria, de um programa diversificado de atividades acadêmicas.

¹⁶ Evento que será promovido pelo PET Letras, entre os dias 18 e 21 de abril de 2012, com o intuito de reunir pesquisadores, leitores e artistas que tenham Clarice Lispector como um de seus eixos norteadores.

pela escola não fique restrita apenas aos saberes encontrados durante as aulas regulares, mas que ele possa encontrar coisas novas e também encontrar-se através de projetos desse gênero.

APRESENTAÇÃO

Por definição, sarau é um evento cultural onde as pessoas se encontram para se expressarem ou se manifestarem artisticamente. O evento costumava acontecer, geralmente, no final do dia. Daí a palavra ter origem no termo latino *serus* (relativo ao entardecer) ¹⁷. Dentre as manifestações artísticas envolvidas em um sarau estão a dança, poesia, círculos de leitura, apresentações musicais, pintura, teatro e outras. Apesar de serem mais comuns no período entre o século XVII a XX, os saraus hoje voltam a ser promovidos em escolas, universidades, igrejas e eventos. ¹⁸

O sarau desenvolvido por nós e pelos professores Geroge e Nara, reunirá textos de Clarice Lispector contidos no livro *A descoberta do mundo* (1984), adaptados em pequenas esquetes teatrais. Por meio de reuniões que ora acontecem no laboratório de Língua Portuguesa da escola ou nas salas de teatro, projeto conta com a participação de 10 a 15 alunos por encontro. ¹⁹

O sarau será apresentado no dia 19 de abril, às 19h00min, no Auditório Henrique Fontes (CCE-B), durante o evento *Semana Clarice*, aos participantes do evento.

JUSTIFICATIVA

Ao solicitar a participação de alunos do Colégio de Aplicação no evento, o PET Letras busca além de estreitar os laços existentes entre o CA e a UFSC, aproximar o aluno de Ensino Médio aos eventos promovidos pela universidade. ²⁰ Dessa forma, os alunos podem ter mais conhecimento daquilo que está sendo feito e discutido dentro da

¹⁷ Definição encontrada no dicionário básico Latino-Português de Raulino Bussarelo(2005).

¹⁸ Informações retiradas do site <http://www.blogeducacao.org.br/wp-content/uploads/2011/02/Plano-Sarau-na-Escola.pdf> (Acesso em 06/04/2012).

¹⁹ É importante ressaltar que o número oscila já que o projeto ainda está em andamento.

²⁰ Vale ressaltar que Paula é bolsista do PET desde 2009 e, portanto é uma das organizadoras do evento *Semana Clarice*.

academia, o que, se feito com clareza e de uma forma que atraia a atenção do aluno, aumentam seu desejo de ingressar na universidade.

Além disso, o desenvolvimento de um projeto extraclasse faz parte do currículo da disciplina Estágio Obrigatório em Língua Portuguesa I. A proposta consiste em desenvolver um projeto inédito para alunos da escola onde está sendo realizado o projeto de docência, com o objetivo de introduzir novos conhecimentos, mas também procurar atender a demanda da escola em certos aspectos.

No caso do Colégio de Aplicação, a escola conta com inúmeros projetos extraclasse, porém, nenhum deles é exclusivo da disciplina de Língua Portuguesa e tem a literatura como eixo norteador.²¹ Outro fato é que esse é um projeto novo na escola o que também nos trouxe a oportunidade de construí-lo, atendendo assim a demanda da disciplina que consiste no desenvolvimento de um projeto inédito.

Contudo, o que destacamos como mais importante nesse projeto é contribuir significativamente para que os alunos **ampliem** (grifo nosso) sua competência no uso oral e escrito da Língua Portuguesa. (ANTUNES, 2003), por meio da leitura de textos de uma autora tão consagrada na Literatura Brasileira como Clarice Lispector.

Se pensarmos que o objetivo geral do ensino de Língua Portuguesa é a implementação das práticas de uso da língua, sendo essas práticas instituídas em esferas da atividade humana, para mover-se nessas esferas, então, importa dominar essas práticas. O papel da escola nessa situação é facultar aos sujeitos a possibilidade de dominar essas práticas para ampliar sua mobilidade social seja essa possibilidade na sala de aula ou em projetos extraclasse.

Essa ampliação se dá por meio de *projetos de letramento* que hibridizem as *práticas locais* e *práticas globais*; esses projetos precisam ser planejados e operacionalizados por professores que se assumem como *agentes de letramento* (KLEIMAN, 1995).

Enfim, esse projeto nasce com o objetivo principal de transformar o momento do aluno na escola em um acontecimento (GERALDI, 2010) e de fazê-lo ver outras possibilidades em sua trajetória escolar.

²¹ Com exceção do projeto com os livros do vestibular, destinado apenas à alunos do 3º ano, desenvolvido pelo professor João Nilson Pereira de Alencar, da disciplina de Língua Portuguesa.

OBJETIVOS GERAIS DO PROJETO

- Descobrir no projeto extraclasse uma maneira de aprender fora da sala de aula, mas dentro do espaço escolar;
- Entender que o estudo da Língua Portuguesa pode dar-se de diferentes formas;
- Perceber que a participação em um projeto proposto pela universidade é uma forma válida para compreender a linguagem como mediadora dos valores que circulam na sociedade e como meio de se ter acesso aos conhecimentos e de produzir novos conhecimentos.
- Ampliar as possibilidades de utilização da língua materna por parte dos alunos em diversos meios desenvolvendo a habilidade de leitura dramática e sabendo valer-se dessa habilidade para apresentar-se publicamente.

METODOLOGIA

Encontro 1 (19/03) Primeiro encontro realizado no Laboratório de Linguagens. O projeto foi explicado aos alunos e as estagiárias participantes foram apresentadas. Neste dia contamos com a presença de apenas seis alunos. Em virtude disso, os que estiveram presentes foram orientados a convidar mais colegas e o professor e também as estagiárias ficaram encarregados de avisar em sala de aula. Foram lidos os textos *O processo*, *Cosmonauta na Terra*, *Amor Imorredouro* e *Chacrinha*.

Encontro 2 (26/03) Esse encontro também foi realizado no Laboratório de Linguagens. Contamos com a participação de dez alunos. Além de reler os textos do encontro anterior, também foi lida uma sequência de textos que Clarice Lispector fez falando sobre suas empregadas.

Encontro 3 (02/04) Trabalhamos na sala de teatro. A Prof^a Nara fez alguns exercícios teatrais antes da leitura propriamente dita. Nesse encontro o Prof^o George já havia adaptado os textos lidos para textos de teatro. Os alunos ensaiaram com os textos. Um grupo de alunos ficou em uma sala com a Prof^a Nara ensaiando e outro grupo foi conosco e o Prof^o George para outra.

Encontro 4 (09/04) Na sala de teatro ensaiamos os textos da aula anterior e definimos alguns papéis.

Encontro 5 (16/04) Ensaio na sala de teatro;

Encontro 6 (17/04) Ensaio no auditório Henrique Fontes (CCE-B)

Encontro 7 (19/04) Apresentação

PERSPECTIVA

- Prática de leitura, escuta e análise dos textos;
- Prática de fala e escuta nas discussões propostas nos encontros;

RECURSOS NECESSÁRIOS

Materiais:

- Sala (Laboratório de Língua Portuguesa) para encontros e leitura dos textos;
- Salas para o ensaio das esquetes (Salas de Teatro);
- Figurinos para a apresentação;

Bibliográficos:

- Fotocópias dos textos utilizados de Clarice Lispector;
- Livro *A descoberta do mundo* para a coleta do material;

2.7.2 Trabalho extraclasse Rozelena

INTRODUÇÃO

A nossa participação no Projeto PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação nos dará a oportunidade de desenvolver um pouco de experiência no campo da iniciação científica de alunos do Ensino Médio.

O PIBIC Ensino Médio visa incentivar a iniciação científica dos alunos em diversas áreas do conhecimento. Através deste trabalho auxiliaremos quatro alunas bolsistas do 1º ano do Ensino Médio a desenvolverem seus projetos de pesquisa, orientando-as na elaboração do projeto em si, como: objetivos, justificativas, referencial teórico, metodologia e também lhes dando suporte técnico/teórico sobre como elaborar projetos.

JUSTIFICATIVA

A escola de hoje precisa ser vista como um campo de desenvolvimento de novos saberes e descobertas, e não como mero campo de informação dos velhos saberes. O aluno precisa ser incentivado a ter uma participação ativa no seu processo de aquisição de conhecimento e, o professor, por sua vez, não pode mais ser apenas um repetidor de tais saberes convencionados.

Estes saberes, mesmo que verdadeiros, precisam ser redescobertos constantemente por alunos, por professores e por toda a sociedade em geral. Isso por torná-los mais significativos, quando confirmados, ou por torná-los questionáveis, se não ajustáveis a novas realidades.

Desta forma, é que se faz necessário formar professores, em todas as áreas, preparados para ir além das salas de aula e dos livros didáticos. Professores capazes de chamar seus alunos a pesquisar, confrontar, questionar e/ou confirmar ideias, proposições ou, como já citado, saberes tidos como verdadeiros. Assim, hoje em dia não cabe mais ao aluno de licenciatura, somente, a prática da docência em sala de aula, para

sua formação. É necessário que ele se insira em projetos extraclasse que vão desde aulas de reforço, passando por viagens de estudos, até inserção em projetos de pesquisa e extensão. Sendo assim, para a realização do nosso estágio extraclasse, nos inserimos em um dos projetos PIBIC para o Ensino Médio existentes no Colégio de Aplicação.

Este projeto de pesquisa de Língua Portuguesa tem como orientadora a Prof^a Dra. Nara Caetano Rodrigues, e dele participam quatro alunas que direcionam suas pesquisas sobre leitura em duas linhas diferentes. Uma dupla fará sua pesquisa sobre memórias de leitura, fazendo um levantamento de dados a partir das memórias escritas por diversos alunos do próprio colégio, que cederam seus trabalhos para este levantamento. A outra dupla preparará uma pesquisa de campo, na qual o propósito é visitar escolas da rede pública e privada, aplicar questionários e fazer um levantamento do que os alunos estão lendo, tanto como entretenimento, quanto por recomendação para as aulas de Língua Portuguesa.

OBJETIVOS

Acompanhar as alunas bolsistas do projeto PIBIC de Língua Portuguesa na elaboração dos projetos de pesquisa. Orientar no desenvolvimento dos objetivos, justificativa e referencial teórico dos mesmos. Apresentar material de suporte que orientam na elaboração de projetos de pesquisa.

METODOLOGIA

O trabalho extraclasse será desenvolvido em seis horas aula, que se distribuirão em quatro encontros semanais de uma hora aula, às terças feiras, das 11:50h às 12:30h, na sala de aula das alunas bolsistas, e um encontro de duas horas aula, numa sexta feira.

No primeiro encontro será feita a apresentação dos projetos, que já estão em processo inicial de elaboração. Neste encontro as duplas apresentarão suas propostas e o que já conseguiram fazer até então. As alunas também falarão sobre os aspectos nos quais elas têm encontrado maiores dificuldades para que possamos planejar nossa atuação.

No segundo encontro as estagiárias farão a leitura do material produzido pelas alunas bolsistas e darão as orientações que forem necessárias para a organização das etapas dos projetos, procurando dar mais ênfase na revisão e/ou desenvolvimento das etapas: capa, introdução, objetivos gerais e objetivos específicos.

No terceiro encontro, faremos a leitura da nova versão das etapas trabalhadas no encontro anterior e faremos a orientação do desenvolvimento da referencial teórico dos projetos de pesquisa. Neste encontro, cada estagiária trabalhará com uma dupla.

O quarto encontro será feito em duas horas aula, e nele o nosso foco será a finalização do projeto. Este encontro será dedicado à revisão das etapas, digitação e montagem do projeto.

No último encontro, as alunas bolsistas farão a apresentação do projeto e receberão as orientações sobre a continuidade do mesmo.

CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA VERNÁCULAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
PROFA. ISABEL MONGUILHOTT
ACADÊMICAS: IZABELE CRISTINI DA SILVA E ROZELENA MAY DE
FARIAS

ENCONTRO N° 1

1 IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio de Aplicação

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. Romeu A. A. Bezerra

Professora Titular: Nara Caetano Rodrigues

Estagiárias: Izabele Cristini da Silva e Rozelena May de Farias

Supervisor: Profa. Isabel Monguilhott

Série: 1º ano Turno: Manhã

Número de alunos: 4

Data: 17/04/2012

Horário: 11h50min às 12h30min

TEMA

Pesquisa sobre leitura.

OBJETIVO GERAL

Conhecer as alunas participantes do projeto PIBIC EM e as suas propostas de pesquisa;
Planejar as orientações para os próximos encontros.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Fazer um levantamento das etapas do projeto que já estão em andamento;

Identificar junto às alunas em quais etapas do projeto em que elas têm encontrado maiores dificuldades;

Definir datas dos encontros e trabalhos a serem desenvolvidos no próximo encontro.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

A leitura na escola e memórias de leitura.

METODOLOGIA

Apresentação das estagiárias e do projeto (10min): as estagiárias deverão se apresentar às alunas, justificando as razões de sua presença na escola, isto é, falando sobre suas condições de futuras professoras de língua portuguesa, de estudantes da Universidade Federal de Santa Catarina, e da necessidade e relevância do período de estágio na formação de professores. Em seguida, as estagiárias falarão que acompanharão os próximos quatro encontros semanais e contribuirão sugerindo leituras e orientando na elaboração dos projetos de iniciação científica das alunas.

Apresentação das alunas e dos projetos (30min): após a apresentação das estagiárias, cada dupla deverá falar a respeito do tema escolhido para cada projeto e sobre o que já foi produzido até então, além dos aspectos em que elas têm encontrado mais dificuldades.

RECURSOS

Material produzido pelas alunas.

AVALIAÇÃO

Cada aluna será avaliada de acordo com o seu desempenho, interesse e participação durante os encontros.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é. Como se faz.** 24. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA VERNÁCULAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
PROFA. ISABEL MONGUILHOTT
ACADÊMICAS: IZABELE CRISTINI DA SILVA E ROZELENA MAY DE
FARIAS

ENCONTRO N° 2

1 IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio de Aplicação

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. Romeu A. A. Bezerra

Professora Titular: Nara Caetano Rodrigues

Estagiárias: Izabele Cristini da Silva e Rozelena May de Farias

Supervisor: Profa. Isabel Monguilhott

Série: 1º ano Turno: Manhã

Número de alunos: 4

Data: 24/04/2012

Horário: 11h50min às 12h30min

TEMA

Pesquisa sobre leitura.

OBJETIVO GERAL

Acompanhar o desenvolvimento da proposta de pesquisa das alunas participantes do projeto PIBIC EM;

Leitura do material já produzido;

Orientar sobre leitura para suporte teórico;

Planejar as orientações para os próximos encontros.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar etapas do projeto que já foram elaboradas pelas alunas;

Ler e reescrever as etapas dos projetos que já foram elaboradas;

Orientar sobre Introdução, Finalidade, Objetivos Gerais e Objetivos Específicos;

Definir trabalhos a serem desenvolvidos no próximo encontro;

Orientar sobre encaminhamentos posteriores, via email, de artigos relacionados ao tema “Leitura” que servirão como suporte na elaboração do Referencial Teórico

CONHECIMENTOS ABORDADOS

Elaboração de Capa e Introdução;

Conhecimentos sobre Finalidades, Objetivos Gerais e Objetivos Específicos.

METODOLOGIA

Orientações para a organização das etapas dos projetos (30min): após ler o material já produzido pelas alunas, as estagiárias darão as orientações para a elaboração das próximas etapas: capa, introdução, objetivos gerais e específicos.

Sugestões de leituras (10min): as estagiárias apresentarão às alunas textos que tratem de conceitos de leitura, e devem orientar as alunas para que elas leiam os textos e façam anotações para o próximo encontro.

RECURSOS

Material produzido pelas alunas;

Modelo de projeto com orientações enviado pela professora Nara.

AVALIAÇÃO

Cada aluna será avaliada de acordo com o seu desempenho, interesse e participação durante os encontros.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é. Como se faz.** 24. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA VERNÁCULAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
PROFA. ISABEL MONGUILHOTT
ACADÊMICAS: IZABELE CRISTINI DA SILVA E ROZELENA MAY DE
FARIAS

ENCONTRO Nº 3

1 IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio de Aplicação

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. Romeu A. A. Bezerra

Professora Titular: Nara Caetano Rodrigues

Estagiárias: Izabele Cristini da Silva e Rozelena May de Farias

Supervisor: Profa. Isabel Monguilhott

Série: 1º ano Turno: Manhã

Número de alunos: 4

Data: 08/05/2012

Horário: 11h50min às 12h30min

TEMA

Pesquisa sobre leitura.

OBJETIVO GERAL

Discutir os textos lidos a respeito das concepções de leitura;

Orientar sobre o desenvolvimento do Referencial Teórico;

Planejar as orientações para os próximos encontros.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Discutir pontos relevantes que encontraram nas leituras sugeridas;

Discutir e orientar sobre a elaboração de questionários.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

Suporte teórico para justificar a necessidade da pesquisa e elaboração de questionários.

METODOLOGIA

Leitura das etapas do projeto de pesquisa já produzidas pelas alunas (10min): as estagiárias farão a leitura dos textos dos projetos das alunas que foram reformulados de acordo com as orientações do encontro anterior, e se necessário ajudarão na refacção dos textos produzidos.

Início do desenvolvimento do referencial teórico dos projetos de cada dupla (20min): cada estagiária orientará uma dupla na elaboração do referencial teórico dos projetos das alunas com base nas leituras indicadas no encontro anterior.

RECURSOS

Material produzido pelas alunas;

Textos sobre leitura.

AVALIAÇÃO

Cada aluna será avaliada de acordo com o seu desempenho, interesse e participação durante os encontros.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é. Como se faz.** 24. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=002 Acesso em 16/04/2012.

RODRIGUES, Nara Caetano. A leitura nos ensinos fundamental e médio: reflexões sobre algumas práticas. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 215-240, mai./ago. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=007 Acesso em 16/04/2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA VERNÁCULAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
PROFA. ISABEL MONGUILHOTT
ACADÊMICAS: IZABELE CRISTINI DA SILVA E ROZELENA MAY DE
FARIAS

ENCONTRO N° 4 e 5

1 IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio de Aplicação

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. Romeu A. A. Bezerra

Professora Titular: Nara Caetano Rodrigues

Estagiárias: Izabele Cristini da Silva e Rozelena May de Farias

Supervisor: Profa. Isabel Monguilhott

Série: 1º ano Turno: Tarde

Número de alunos: 4

Data: 11/05/2012

Horário: 13h30min às 15h00

TEMA

Pesquisa sobre leitura.

OBJETIVO GERAL

Revisar últimas versões do projeto;

Elaborar o referencial teórico do projeto de pesquisa;

Organizar questionário.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Fazer a revisão da versão final da primeira etapa do projeto;

Orientar sobre a elaboração das perguntas;

Orientar na elaboração do Referencial Teórico do projeto de pesquisa;

CONHECIMENTOS ABORDADOS

Elaboração de questionários e do Referencial Teórico.

METODOLOGIA

Produção final do referencial teórico (45min): as alunas terminarão de escrever a respeito do referencial teórico dos seus projetos de pesquisa, enquanto isso as estagiárias ficarão à disposição orientando a escrita e a (re)escrita das alunas.

Revisão e montagem do projeto (45min): as estagiárias lerão as produções finais das alunas e orientarão na montagem e digitação dos projetos de pesquisa de cada dupla.

AVALIAÇÃO

Cada aluna será avaliada de acordo com o seu desempenho, interesse e participação durante os encontros.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é. Como se faz.** 24. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=002 Acesso em 16/04/2012.

RODRIGUES, Nara Caetano. A leitura nos ensinos fundamental e médio: reflexões sobre algumas práticas. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 215-240, mai./ago. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=007 Acesso em 16/04/2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DO ENSINO
LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA VERNÁCULAS
ESTÁGIO SUPERVISIONADO II
PROFA. ISABEL MONGUILHOTT
ACADÊMICA: IZABELE CRISTINI DA SILVA E ROZELENA MAY DE
FARIAS

ENCONTRO Nº 6

1 IDENTIFICAÇÃO

Escola: Colégio de Aplicação

Disciplina: Língua Portuguesa

Diretor: Prof. Romeu A. A. Bezerra

Professora Titular: Nara Caetano Rodrigues

Estagiárias: Izabele Cristini da Silva e Rozelena May de Farias

Supervisor: Profa. Isabel Monguilhott

Série: 1º ano Turno: Manhã

Número de alunos: 4

Data: 15/05/2012

Horário: 11h50min às 12h30min

TEMA

Pesquisa sobre leitura.

OBJETIVO GERAL

Revisar últimas versões do projeto;

Elaboração da versão final da primeira etapa do projeto.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Socializar os textos produzidos durante as orientações.

CONHECIMENTOS ABORDADOS

Todas as etapas iniciais do projeto: Introdução, Justificativa, Objetivos Gerais, Objetivos Específicos; Referencial teórico e Metodologia.

METODOLOGIA

Socialização dos projetos elaborados (20min): cada dupla deverá apresentar as etapas do projeto que foram concluídas durante a nossa participação nos encontros.

Planejamento das próximas etapas do projeto (15min): as estagiárias orientarão as duplas a respeito dos próximos passos na elaboração de um projeto de pesquisa.

Balanco das atividades realizadas pelas estagiárias (5min): as alunas deverão falar a respeito do que foi aprendido durante o período em que participamos das orientações dos seus projetos de pesquisa.

RECURSOS

Material produzido pelas alunas.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é. Como se faz.** 24. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=002 Acesso em 16/04/2012.

RODRIGUES, Nara Caetano. A leitura nos ensinamentos fundamental e médio: reflexões sobre algumas práticas. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 215-240, mai./ago. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar.** Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=007 Acesso em 16/04/2012.

2.7.3 Relatos do Projeto Extraclasse Rozelena

Conforme já mencionado anteriormente, minha atuação no projeto extraclasse não foi em parceria com minha colega de estágio Clara, uma vez que ela acabou se inserindo, com outras estagiárias, num outro projeto, do qual eu não pude participar por questões de horários. Por isso, me juntei a outra colega, Izabele Cristini da Silva, para atuarmos num projeto PIBIC EM da professora Nara Caetano Rodrigues.

17.04.2012

Neste primeiro encontro, eu e a estagiária Izabele Cristini da Silva nos reunimos com três alunas participantes do projeto PIBIC EM e a professora Nara. Uma aluna estava ausente neste dia.

Num primeiro momento, a professora nos apresentou às alunas e conversou com elas sobre algumas atividades que elas já tinham enviado anteriormente, e sobre as explicações que a professora havia mandado por e-mail. Depois nós falamos sobre como iríamos ajudá-las na elaboração e na redação de algumas etapas do projeto.

As alunas explicaram o tipo de pesquisa que estavam preparando. Uma dupla iria trabalhar com memórias de leitura, a partir das memórias produzidas por alunos do próprio colégio de Aplicação. A outra dupla iria pesquisar sobre a leitura dentro e fora do ambiente escolar, com alunos das séries finais do Ensino Fundamental II e alunos do Ensino Médio, de escolas públicas e particulares. Elas falaram, também, sobre o que já tinham desenvolvido e sobre quais eram suas maiores dúvidas e dificuldades. A partir das informações e questionamentos das alunas, definimos as datas para os próximos encontros.

24.04.2012

Neste dia, eu e a estagiária Izabele nos dividimos, e cada uma passou a atender uma dupla. Eu comecei a orientar a dupla formada pelas alunas Camila e Cibele, que estavam preparando a pesquisa nas escolas.

As alunas trouxeram o que já tinham produzido até então (ANEXO N), a partir das orientações passadas pela professora Nara.

Fizemos a leitura do material produzido e dei algumas orientações quanto à escrita e o desenvolvimento da introdução e dos objetivos gerais e específicos. Combinamos então, que no próximo encontro elas trariam a nova versão. Também combinamos que seriam encaminhados para elas alguns textos que tratam sobre o tema leitura, para que elas usassem como embasamento teórico na justificativa e na metodologia.

08.05.2012

Neste dia fizemos a leitura das novas versões da introdução e dos objetivos, e também iniciamos as orientações para a justificativa e a metodologia. Entretanto, as alunas não haviam lido os textos encaminhados por e-mail.

Fizemos a leitura de algumas passagens que eu havia destacado nos textos, para orientá-las de que forma tais pontos poderiam ser usados como embasamento teórico.

Foi passada a orientação, então, de que elas terminassem a leitura dos textos em casa e trouxessem, no próximo encontro, a justificativa e a metodologia.

11.05.2012

Este encontro foi marcado para uma sexta feira e teve a duração de duas aulas. A proposta de trabalho para este dia seria a leitura e a digitação da versão final da primeira parte do projeto, com introdução, objetivos – gerais e específicos – justificativa e metodologia. Entretanto, as alunas ainda não tinham conseguido finalizar as versões destas partes. Então, começamos a trabalhar um pouco mais nos artigos.

Neste dia, as alunas estavam muito preocupadas com a metodologia, porém, elas queriam focar no desenvolvimento do questionário. Apesar de eu ter explicado que, neste encontro trabalharíamos algumas orientações sobre o questionário, e que a elaboração do mesmo se daria numa segunda etapa, com a orientação da professora Nara, elas insistiram bastante em começar a desenvolver o mesmo. Porém, uma vez que elas não tinham dado conta de trazer as versões das etapas anteriores, achei que seria mais importante mudar os planos e focar nestas atividades. Expliquei que poderíamos ver no final do encontro, mas que o importante era terminar as versões.

Fizemos mais algumas leituras, tanto do material já produzido, quanto de algumas partes dos artigos, destacadas por elas. Por fim passamos a algumas orientações sobre o questionário.

15.05.2012

Neste dia, nos reunimos para o nosso último encontro. As alunas apresentaram, no *datashow* o resultado do material desenvolvido até então. Cada dupla explicou sobre a sua pesquisa, discorrendo rapidamente, principalmente, sobre a justificativa e a metodologia. Também fizemos uma comparação do material que elas tinham no início do da nossa inserção com a versão que elas estavam apresentando naquele dia (ANEXO O). No final, a nossa orientadora, Professora Isabel, pediu que as meninas fizessem uma avaliação sobre a nossa atuação, a qual, segundo elas, foi muito positiva.

2.7.4 Participação em atividades na escola

Durante o período de estágio tivemos a oportunidade de participar de alguns eventos pedagógicos do Colégio. Em diversos momentos fomos convidadas a participar das reuniões de disciplina que aconteceram em algumas segundas feiras. Nessas reuniões, os professores de Língua Portuguesa discutiam os programas da disciplina para cada série, tanto do Ensino Fundamental II quanto do Ensino Médio. Essas discussões serviam para definir o que devia ser mantido e o que poderia ser alterado, a partir das experiências que os professores tiveram no ano anterior.

Além disso, os professores também discutiam outras questões inerentes ao Colégio como um todo. Assim, tivemos a oportunidade de ver também como se constroem posicionamentos a partir de necessidades em comum. Alguns exemplos foram: o processo eleitoral para a escolha do novo diretor, a necessidade de planejar uma viagem de estudos na qual um aluno com necessidades especiais iria acompanhar, etc.

Durante a nossa inserção do colégio, também fomos convidadas a participar de uma parada pedagógica, à qual toda a comunidade escolar foi chamada, que trataria de diversos assuntos. Neste dia, no período da manhã, o assunto discutido foi a

reformulação do Projeto Político Pedagógico. Onde foram formados grupos compostos por professores, servidores, estagiários e alunos, para que fossem discutidas as propostas de mudanças no PPP, que depois seriam levadas numa reunião com todos os participantes para a decisão final.

Também fomos convidadas a participar do conselho de classe, no qual tivemos a oportunidade de ver como os professores percebem e problematizam a situação de cada aluno, bem como a visão geral que eles têm das turmas.

3 ENSAIOS COM AVALIAÇÃO CRÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO

3.1 ENSAIO CLARA TELLES DOS SANTOS

Uma Breve Experiência com o Ensino de Literatura no Ensino Médio

O texto só pode dizer uma única verdade, a saber: que a verdade não existe ou que ela se mantém para sempre inacessível (Todorov)

Neste ensaio pretende-se realizar uma breve análise da experiência de docência vivida ao longo de um semestre na disciplina Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina. O estágio foi realizado no Colégio de Aplicação da UFSC, com uma turma de segundo ano do Ensino Médio, seguindo o planejamento do professor e focando na área de Literatura, disciplina que é trabalhada mais sistematicamente no Ensino Médio.

A Literatura consta como disciplina no ensino brasileiro desde seus primórdios, tempo em que fazia parte da tradição e da formação cultural do indivíduo. Com a mudança de tempos e do ensino, a qual todo cidadão tem direito, e com a demanda do mercado, a Literatura passa a ser questionada por sua falta de utilidade prática na formação dos alunos. A Literatura não satisfaz as exigências do mercado atual, e passa a ser vista como disciplina obsoleta. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002) acabaram por diluir a matéria juntamente aos conhecimentos de Língua Portuguesa, dando-lhe a mesma importância de outros gêneros textuais.

Já as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) percebem o problema e resgatam a Literatura como um tópico separado e de maior destaque. Impondo como finalidades para o Ensino Médio “o aprimoramento do educando como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado” (p.7), a Literatura volta como disciplina para a formação de um aluno crítico e com bagagem cultural.

Para formar um aluno com essas características é necessário não somente dar destaque a Literatura como também repensar o seu ensino. As aulas de Literatura como conhecemos, nas quais a finalidade é aprender a história das escolas literárias, suas características e principais representantes, não ajudam a formar um aluno crítico e autônomo. Para Ivanda Martins (2006) a escola deve ensinar a leitura literária e não somente a história da Literatura, proporcionando aos alunos contato com as obras. Não se pode aprender literatura apenas estudando sobre ela, sem debruçar-se sobre o objeto em si. A sala de aula é o espaço que irá formar leitores, no qual os alunos precisam passar pelos livros e aprender a usá-los e apreciá-los.

A Literatura também não pode ser vista somente como objeto histórico, mas deve ser entendida pelo aluno como objeto estético. Segundo Patrícia Braga (2006) nossa responsabilidade “enquanto mediadores da leitura é desenvolver a noção de que a literatura dialoga e poetiza a história social, mas nunca a reproduz fielmente” (p.4). Para a autora, o ensino deveria proporcionar ao aluno uma experiência estética da obra, deixando-o livre de uma interpretação fechada feita pelo professor, na qual o aluno nem sempre consegue chegar e de um ensino, como diria Barthes (1988), da história da literatura e não do objeto literatura em si, o que é fácil de verificar em qualquer livro didático.

A proposta de Braga (2006) é acabar com a ideia de literatura como mera ilustração histórica, social ou cultural, como portadora de uma moral que deve ser transmitida, impedindo, assim, que a arte seja compreendida em seus vários sentidos e explorada pelo aluno. Ela afirma que mesmo uma fábula “não foi criada com um objetivo essencial ou meramente moral [...] seu objetivo maior era a explicação do real, a sublimação das emoções não realizadas na vida, a orientação imagética para o futuro” (p.5). A autora alega que a maneira como a literatura é ensinada hoje na maioria das escolas “além de não permitir o conhecimento, a fruição dos jogos poéticos, impede a evolução do pensamento criativo, do imaginário, da catarse e, a consequência disso é a opressão do ser humano” (p.6)

Formar leitores autônomos, que consigam interpretar um texto, analisá-lo, discuti-lo e ter domínio sobre ele, deve ser o objetivo do ensino. Para isso, a literatura na escola “não pode ser compreendida como objeto isolado, sem as interferências do leitor, sem o conhecimento das condições de produção/recepção em que o texto foi produzido, sem as contribuições das diversas disciplinas que perpassam o ato da leitura literária” (MARTINS, 2006, p.86).

Com essa discussão em mente, tentou-se pensar em um projeto de leitura de Literatura, nos quais os alunos tivessem realmente contato com o texto e produzissem suas próprias leituras com a orientação das professoras. Para alcançar tal objetivo foram propostos círculos de leitura, nos quais os alunos trabalhassem dois livros, e a cada aula pudessem trazer materiais diferentes para a discussão em sala. O tema das aulas, de acordo com o planejamento do professor regente, foi o Ultrarromantismo, movimento do qual foram selecionados os dois livros a serem trabalhados em sala: *Noite na Taverna*, de Alvarez de Azevedo e *Assassinatos na Rua Morgue e outras histórias* de Edgar Allan Poe. Os livros foram lidos ao longo do estágio, um ou dois capítulos por aula, e cada aluno tinha uma função para executar por aula. Dessa forma foi possível observar a dedicação dos alunos à leitura, quais eram os problemas quando apareciam e como eles conseguiam relacionar suas leituras.

O trabalho com dois livros, de temática e data semelhante, permite aos alunos adquirir bagagem cultural e perceber tantos os intertextos, como as semelhanças e diferenças entre os livros escolhidos e entre estes e os que já leram anteriormente. E para nós, um dos indicativos de que os alunos estavam realmente se aprofundando nos textos, foi a reclamação por parte deles a respeito do tema dos livros, que por vezes os deixaram impressionados, o que demonstra uma leitura não superficial.

O trabalho no projeto extraclasse também partiu dos mesmos princípios e com o principal objetivo de fazer os alunos lerem e explorarem os textos, tendo domínio o suficiente para apropriar-se da obra, transformá-la em apresentação. Os dois projetos tiveram como resultado a exposição de trabalho final em forma de teatro, sarau, vídeo, etc. Nessas apresentações foi possível perceber o domínio dos alunos acerca dos materiais lidos.

O objetivo principal do projeto, fazer com que os alunos realmente lessem os livros, interpretassem e discutissem, foi alcançado por grande maioria. Uma leitura que demande a contribuição dos alunos, mas não os forcem a determinado caminho foi a chave para o sucesso do trabalho. Trabalhar os textos de tal maneira com os alunos torna-os leitores críticos, como os que queremos formar,

3.2 ENSAIO ROZELENA MAY DE FARIAS

Ensino de Literatura nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio: alguns desafios, muitos questionamentos.

Leite, leitura
letras, literatura,
tudo o que passa,
tudo o que dura
tudo o que duramente passa
tudo o que passageiramente dura
tudo,tudo,tudo
não passa de caricatura
de você, minha amargura
de ver que viver não tem cura
Paulo Leminski

O presente ensaio pretende discorrer e refletir sobre todo o trabalho empreendido durante o nosso estágio com alunos do Ensino Médio, bem como nossas experiências fora da sala de aula, durante o período da nossa inserção no Colégio de Aplicação. Processo de grande importância para a nossa formação como futuras professoras, uma vez que, durante a experiência, pudemos observar, refletir, problematizar situações, elaborar projetos e pôr em prática um pouco do que aprendemos ao longo do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina.

Durante o período em que estivemos no colégio, não nos ativamos apenas às aulas de observação e regência. Como parte de nossa inserção, fomos convidadas a participar de diversos momentos da escola, como: reuniões, parada pedagógica, mostras, etc., nos quais pudemos vivenciar o dia a dia e a dinâmica do ambiente escolar nas mais diversas esferas.

Ao participar das reuniões da disciplina de Língua Portuguesa, tivemos a oportunidade de ver como se constroem programas disciplinares a várias mãos, levando sempre em consideração as experiências de cada professor que passou por cada série, desde a quinta série do Ensino Fundamental até o Ensino Médio – apesar de que neste período conseguimos observar apenas os trabalhos do Ensino Fundamental.

Foi muito importante ver como os professores não estão atados a programas curriculares engessados ou a fórmulas presas a muitas teorias que, algumas vezes, não funcionam quando colocadas em prática. Assim, todo ano, os professores refletem sobre o conteúdo de cada série e dão suas contribuições sobre o que realmente funciona e o que pode ser alterado e/ou acrescentado no programa curricular.

Também, durante a nossa inserção, como parte do estágio, participamos de projetos extraclasse, momento em que eu e minha colega de estágio nos separamos, para atuarmos em projetos diferentes. Minha atuação foi num projeto de pesquisa já em andamento, com alunas do 1º ano do Ensino médio, bolsistas do PIBIC EM, cuja orientadora era a professora Nara C. Rodrigues. Apesar de o processo já estar em andamento e, por isso, não precisarmos desenvolver um projeto nosso, apenas um plano de trabalho, a experiência foi muito enriquecedora, pois com nossa atuação ajudamos as alunas a desenvolverem um projeto cujo tema era a leitura. Assunto que fazia parte da nossa docência e, sendo assim, contribuiu de certa maneira para observar como os alunos percebem a questão de leitura naquela escola.

Com a experiência da observação, vimos inúmeras diferenças entre o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental II e o Ensino Médio. Diferenças que vão desde o perfil do aluno, levando-se em conta sua faixa etária e, conseqüentemente, seu desenvolvimento cognitivo e conhecimento de mundo, até os conteúdos e suas abordagens. Um exemplo da diferença de conteúdo e da abordagem é o ensino da literatura que, enquanto no Ensino Fundamental, segundo Ligia Chiappini de Moraes Leite (2011), entra mais esporadicamente, no Ensino Médio o programa está bastante voltado para o ensino da mesma, tendo maior enfoque na sua historicidade e nas escolas literárias.

Cito como exemplo o ensino de literatura, justamente, porque foi esta a escolha do nosso trabalho de docência – obviamente, respeitando a seqüência do planejamento do professor da turma de 2º ano na qual atuamos. Assim, como ele estava trabalhando com a primeira fase do Romantismo no Brasil, partimos para a elaboração do nosso projeto pensando no ensino da segunda fase desta escola, conhecida como Ultrarromantismo.

Mas, como ensinar literatura? Mantendo os mesmos padrões tradicionais de situar cronológica e historicamente determinada escola literária? Através de aulas expositivas, com respostas prontas e verdades absolutas? E como ficaria o papel do aluno/sujeito na construção daquele conhecimento? E o estudo da língua? Seria possível

separar o estudo da língua de um material tão rico como o que iríamos propor – que era a leitura de duas obras importantes daquele período literário?

Tais questionamentos não surgiram, apenas, no momento de pensar o projeto de docência. Na verdade, eles nos acompanham desde os primeiros semestres do nosso curso de Letras, e foram discutidos em muitas disciplinas, como a de Literatura e Ensino. Nela, diversas questões acerca do ensino de literatura também foram levantadas, tais como:

Por que estudar literatura na escola? Para ser uma pessoa melhor; para ter conhecimento de textos consagrados; para obter domínio da linguagem escrita; para ter uma outra visão de fatos históricos, políticos e sociais, locais e universais; para se expressar melhor; para poder fazer comentários de livros; para conhecer o **cânone** literário – as obras consagradas pela tradição? (RAMOS & CORSO, 2010, p.12).

Leite, 2011, ao indagar se é possível separar língua e literatura, chama atenção para a possibilidade de se encontrar outras formas mais dinâmicas para relacionar as duas, já que, segundo ela, “nos últimos vinte anos, com o aprofundamento dos estudos de linguística e de teoria literária, tem ficado cada vez mais claro que o material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa.” (p. 18).

Assim, tendo tais questionamentos em mente, nos lançamos o desafio de tentar planejar nossa docência juntando a possibilidade de ensinar literatura, sem separar da língua, à ideia de dar voz ao aluno, para que ele se torne sujeito ativo na construção daquele conhecimento. A forma que encontramos para isso foi a adaptação de uma antiga experiência com projetos de leitura, para alunos de uma escola de idiomas, na qual eu havia trabalhado. Na verdade, o formato do projeto de leitura era bastante simplificado e direcionado para o estudo de adaptações de clássicos literários, com base no conhecimento de língua estrangeira que o aluno tinha.

Os círculos de leitura, propostos pelo projeto, são atividades comumente sugeridas por grandes editoras especializadas no ensino do Inglês como língua estrangeira, e que acompanham as edições adaptadas por tais editoras, como sugestões de atividades para aquelas leituras. Portanto, tais círculos são geralmente formados por grupos com não mais do que oito pessoas²².

²² Para se ter um exemplo, no site da Editora Oxford University Press, a sugestão é de que seja feito com seis participantes, dado o número de funções a serem cumpridas.
Fonte: <http://www.oup-bookworms.com/reading-circles.cfm>. Acesso em: 01 junho 2012.

Entretanto, o que nos motivou a escolher este projeto foi o fato dele oferecer ao aluno a possibilidade de, a cada dia, fazer uma leitura diferente, com um novo olhar, com uma nova direção sobre aquele texto. Nossa ideia, então, foi fazer uma ampliação do mesmo²³, aumentando consideravelmente o número de participantes nestes círculos – para vinte e três – e, para que isso fosse possível, ao invés de trabalhar com apenas uma obra literária, fazer a leitura de duas obras no nosso projeto de leitura²⁴. Desta forma, a turma foi dividida em dois grupos, sendo que cada grupo teria a responsabilidade de, além de cumprir as suas atividades, tentar fazer com que o outro grupo terminasse o processo conhecendo o máximo possível da obra que não estava lendo. Sem, contudo, deixar de trabalhar aspectos relevantes daquela escola literária em questão. Ou seja, nossa motivação foi tentar promover a leitura das obras, com diversas possibilidades de interpretação, e o entendimento da estética literária ali apresentada.

Neste sentido, Martins (2006) recorre a Beach & Marshal (1991) que chamam a atenção para a distinção entre “*leitura de literatura e ensino de literatura*” (p. 84), pois, segundo ela, compreender essa distinção resultará em posturas diferentes.

Segundo Beach & Marshall (1991:38), a *leitura da literatura* está relacionada à compreensão do texto, à experiência literária vivenciada pelo leitor no ato da leitura, ao passo que o *ensino da literatura* configura-se como o estudo da obra literária, tendo em vista a sua organização estética. Na verdade estes dois níveis estão imbricados, na medida em que, ao experienciar o texto, por meio da leitura literária, o aluno também deveria ser instrumentalizado, a fim de reconhecer a literatura como objeto esteticamente organizado. (p. 84).

Assim, o que tentamos propiciar aos alunos foi uma forma de fazer diversas viagens no texto, nas quais eles pudessem construir sentidos, situar-se no tempo e no espaço, ilustrar livremente, conectar com conhecimentos prévios e com suas experiências e conhecimento de mundo, reconhecer os usos da língua num contexto histórico, se posicionar criticamente frente àquela leitura, debater, adaptar, interpretar, etc. Sem que, com isso, precisássemos abrir mão de promover com os alunos o “reconhecimento das singularidades estéticas da obra (proporcionado pelo *estudo/ensino da literatura*)”. (MARTINS, 2006, p. 84).

²³ Sobre a metodologia do projeto, bem como do funcionamento dos círculos de leitura e das funções exercidas pelos alunos a cada encontro, ver o capítulo 2.4 Projeto de Docência e o ANEXO M *Handout*, deste relatório.

²⁴ Nossa escolha foi trabalhar com *Assassinatos na Rua Morgue e outras histórias*, de Edgar Allan Poe, e *Noite na Taverna*, de Alvares de Azevedo.

Apesar de, no nosso planejamento, optarmos por iniciar pelo *ensino da literatura*, através de aula expositiva e dialogada sobre a estética literária, para na sequência partirmos para a *leitura da literatura*, o projeto foi pensado de forma a cruzar os dois níveis constantemente. Assim, a cada encontro dos círculos de leitura, uma das funções era a de conectar passagens e elementos com as características do Ultrarromantismo. Porém, este reconhecimento também veio à tona, naturalmente, em diversos momentos das discussões propostas pelos participantes.

Ao final do processo, pudemos perceber o quanto foi significativo para os alunos dar-lhes subsídios para construir as suas leituras livremente. Pois, mesmo que eles tenham cumprido tarefas predeterminadas (uma vez que as funções haviam sido distribuídas previamente), eles tiveram total liberdade na execução das mesmas. Assim, pudemos perceber como, gradativamente, os alunos iam se tornando mais seguros ao relacionar aquela leitura com suas funções e com os elementos estéticos, históricos, culturais, etc., daquela escola literária. Processo que culminou com o sucesso da maioria nos trabalhos de consolidação, na qual os alunos tiveram total liberdade para escolher o que iriam apresentar. Ou seja, como iriam fazer a sua releitura das obras, uma vez que, apenas apresentamos sugestões, que por sua vez, davam oportunidade de escolha para trabalhar em grupo, em dupla, individualmente, respeitando o perfil dos alunos.

A resposta que nos foi apresentada neste momento foi surpreendente. Salvo o caso de duas alunas, que já haviam apresentado algumas dificuldades²⁵ durante o processo, os demais alunos trouxeram ótimos trabalhos. O grupo que leu a obra *Assassinatos na Rua Morgue e outras histórias* resolveu apresentar uma dramatização do conto que dá nome à obra. Além disso, apresentaram um vídeo com uma espécie de *making off*, com fotos dos ensaios, e cujo fundo musical era um *rap* sobre o primeiro conto do livro, *Hop Frog*, escrito e cantado por um dos alunos.

Apesar de toda a resposta positiva que tivemos, depois de ter colocado o projeto em prática e de ter visto os excelentes resultados apresentados pelos alunos, podemos refletir sobre alguns aspectos não previstos que poderiam ser mudados em trabalhos futuros. O principal deles é a função do Presidente, cuja responsabilidade era o de coordenar as apresentações da sua equipe, chamando o próximo a falar, controlando o tempo de cada um, etc. A ideia inicial era a de que essa função ajudaria o aluno a

²⁵ A dificuldade de uma delas, na verdade, era com relação a outras disciplinas da área de exatas, portanto ela não estava conseguindo dar a devida atenção às outras disciplinas. Problema que havia sido, inclusive, levantado no conselho de classe, do qual minha colega participou. A outra aluna havia deixado de fazer algumas tarefas, e quando trazia a atividade, dava mostras que não havia lido.

desenvolver certas habilidades como a liderança e organização de uma equipe. Na prática não foi bem o que aconteceu. Em alguns casos, os alunos responsáveis pela função, simplesmente, não leram o capítulo, já que sua única obrigação seria coordenar o grupo – o que muitas vezes as próprias estagiárias acabavam fazendo. Uma alternativa para este caso, se tivéssemos previsto este problema, seria ter alertado aos alunos que cumpririam essa função, que eles teriam que assumir alguma outra função, caso o responsável faltasse à aula. Como o que aconteceu quando uma aluna responsável pelo resumo faltou no último encontro, e os demais membros tiveram que assumir a função depois que o Presidente se recusou a fazê-lo, deixando evidente que não tinha lido.

Concluído nosso trabalho, feito um balanço e uma reflexão acerca dos resultados positivos e negativos de nossa experiência, retornamos agora aos questionamentos iniciais, nossos e dos autores que nos deram algum suporte teórico aos nossos estudos. A pergunta que fica agora é: será que encontramos as respostas? Evidentemente que não estamos ainda preparadas para responder tais questões. Tampouco, temos a pretensão de achar que encontramos uma fórmula perfeita. Entretanto, esta experiência nos serviu para mostrar vários aspectos, como: o quanto é importante dar ao aluno a oportunidade de ser sujeito ativo na construção do conhecimento, que o texto não oferece uma leitura única, que o professor não é o detentor das respostas, mas um criador de possibilidades para que os alunos interajam com a leitura e tirem suas próprias conclusões. Com relação ao estudo da língua, retomo uma citação anterior: “de que tem ficado cada vez mais claro que o material com que trabalha a literatura é fundamentalmente a palavra e que, portanto, estudar literatura significa também estudar língua e vice-versa.” (Leite, 2011, p. 18), para concluir que talvez esta seja a maior certeza que alcancei nesta minha experiência.

No mais, espero levar desta experiência para minha vida profissional como professora de Língua Portuguesa a certeza de manter-me sempre questionando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relatou a experiência da disciplina de Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura II que aconteceu no primeiro semestre do ano de 2012, no Colégio de Aplicação da UFSC, com uma turma de segundo ano do Ensino Médio.

Esta disciplina foi a última etapa para sermos licenciadas em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa. Nela pudemos por em prática todos os conhecimentos adquiridos ao longo desses anos e avaliar nossa atuação como futuras professoras. O estágio nos proporcionou ferramentas para continuar em busca de nos tornarmos boas professoras, pois esta busca nunca termina. Esta etapa, mais do que nos preparar para a profissão, nos mostra alguns dos os obstáculos a enfrentar, e que, para isso, precisamos estar sempre nos atualizando e atentando para as necessidades de nossos alunos.

5 REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Álvares. **Noite na Taverna**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português-encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é. Como se faz**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- BARTHES, Roland. Reflexões a respeito de um manual. *In: O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988
- BRAGA, Patrícia Colavitti. O Ensino de Literatura na Era dos Extremos. *In: Revista Letra Magna*. n° 5, 2º semestre de 2006
- GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras, 1995.
- LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças in GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula**, 5.ed. Rio de Janeiro: Ática, 2011. Páginas 17-25.
- MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, C. e MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no Ensino Médio e Formação do Professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de educação básica, 2006. Disponível em < http://www.cespe.unb.br/vestibular/1VEST2010/GuiaDoVestibulando/book_volume_01_internet.pdf> Acesso 10 de junho de 2012.
- _____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 2002. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acesso em 10 de junho de 2012
- PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. **Ensinar e aprender com Paulo Freire: 40 horas 40 anos depois**. 3.ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2009.
- POE, Edgar Allan. **Assassinatos na rua morgue**. Porto Alegre: L&PM, 2012
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira, CORSO, Gizelle Kaminski. **Literatura e ensino**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.
- ROCCO, Maria Thereza Fraga. **A Importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto**. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/lei_a.php?t=002 Acesso em 16/04/2012.

RODRIGUES, Nara Caetano. A leitura nos ensinos fundamental e médio: reflexões sobre algumas práticas. **Linguagem em (Dis)curso** - LemD, Tubarão, v. 7, n. 2, p. 215-240, mai./ago. 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **A leitura no contexto escolar**. Disponível em

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/leia.php?t=007> Acesso em 16/04/2012.

SUASSUNA, Lívia. Avaliação e reescrita de textos escolares: a mediação do professor. In: ELIAS, Vanda M. (Org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 119-134.

6 ANEXOS

ANEXO A

ANEXO B

ANEXO C

ANEXO D

ANEXO E

ANEXO F

ANEXO G

ANEXO H

ANEXO I

ANEXO J

ANEXO K

ANEXO L

ANEXO M

ANEXO N

ANEXO O

ANEXO P

ANEXO Q